



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS ERECHIM
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

HENRIQUE ANTÔNIO TRIZOTO

**O FUTEBOL ALÉM DAS QUATRO LINHAS:
IMPACTOS DA GLOBALIZAÇÃO NO FUTEBOL CONTEMPORÂNEO**

ERECHIM – RS

2014

HENRIQUE ANTÔNIO TRIZOTO

**O FUTEBOL ALÉM DAS QUATRO LINHAS:
IMPACTOS DA GLOBALIZAÇÃO NO FUTEBOL CONTEMPORÂNEO**

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado como requisito para obtenção de grau de
licenciado em História da Universidade Federal da
Fronteira Sul

Orientador: Prof. Dr. Gerson Wasen Fraga

ERECHIM – RS

2014

TRIZOTO, HENRIQUE ANTONIO

O Futebol Além das Quatro Linhas: Impactos da
Globalização no Futebol Contemporâneo/ HENRIQUE ANTONIO
TRIZOTO. -- 2014.

64 f.

Orientador: Gerson Wasen Fraga.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em História, Erechim, RS, 2014.

1. Futebol. 2. Globalização. 3. Identidade Nacional.
4. Mercado. 5. Espetáculo. I. Fraga, Gerson Wasen,
orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III.
Título.

HENRIQUE ANTÔNIO TRIZOTO

O FUTEBOL ALÉM DAS QUATRO LINHAS:
IMPACTOS DA GLOBALIZAÇÃO NO
FUTEBOL CONTEMPORÂNEO

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para
obtenção de grau de Licenciado em História da Universidade Federal da Fronteira
Sul.

Orientador: Prof. Dr. Gerson Wasen Fraga

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:
28/11/2014

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Gerson Wasen Fraga – UFFS

Prof. Dr. Paulo José Sá Bittencourt – UFFS

Prof. Dr. Charles Sidarta Machado Domingos – IFSUL/Charqueadas

Dedico à D. Nilza, meu porto seguro e que eu
tenho orgulho de chamar de MÃE.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a D. Nilza minha mãe, pelo carinho, pelo amor e pelos sábios conselhos de sempre.

Agradeço ao grande 9 Pila, Dr. Gerson W. Fraga, que antes de ser meu orientador, é um valoroso amigo que eu tive a honra de conhecer lá em setembro de 2010 numa conversa socrática pelo Seminário. P.S. obrigado pela dica do vinho.

Agradeço a turma dos quinta série pela amizade, pela parceria de sempre, obrigado Tami, Gê, Daia, Cris e demais membros da patotinha, sem vocês tudo seria cinza.

Agradeço a minha irmã de coração mais nova e mais alta que eu. Obrigado Carla.

Não existem palavras que possam expressar tudo o que estou sentindo.

Aos Meus Amigos – Vera Loca

“Hoje já não somos mais tão magros
Nossa memória não é mais a mesma
Nosso forte nunca foi a beleza
Isso nunca foi problema eu tenho certeza
Orgulhosamente seguimos bêbados
Orgulhosamente seguimos sonhando
Que seremos eternos
Nossos filhos serão os jovens
E nós os modernos
Quem inventou a razão a emoção desconhece
Criamos a falsa impressão que só o corpo que cresce
Sofremos juntos com a dor dos amigos
A amizade é maior do que tudo já diziam os antigos”

Muito obrigado!

“Nenhum outro fenômeno capitalista afetou tanto o futebol quanto a globalização.” (Leandro Stein)

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso busca estudar o futebol enquanto ferramenta de difusão do capital internacional, perpassando por suas origens, até a sua profissionalização e seu papel perante a globalização, que vai ser estudada a partir de diversas correntes de pensamento, para chegar então ao âmago da pesquisa: os impactos que ela tem no futebol contemporâneo, impactos estes que serão divididos em três eixos centrais: o futebol enquanto mercado de consumo, enquanto espetáculo midiático e, por fim, enquanto ferramenta de formação e consolidação de identidades, sejam elas individuais ou coletivas. O trabalho é dividido em dois capítulos, o primeiro tratando especificamente dos conceitos de globalização e o surgimento do conceito gol-balização, e o segundo que trata dos impactos em si. Com isso, busca romper com o paradigma de que o futebol é apenas uma atividade física, demonstrando que existem muitas coisas à serem estudadas além das quatro linhas do jogo.

Palavras-Chave: Futebol. Globalização. Mercado. Espetáculo. Identidade.

ABSTRACT

The final work of the undergratuation wants to study the soccer while the broadcast tool of the international capital, bypassing its yours origins until its professionalism and its role before the globalization, which will be studied from various mentalities, to get to the heart of the research: the impact that she has in contemporary soccer, these impacts will be divided into three central axes: the soccer while the consumer market, while media spectacle and finally development tool and identity consolidation, whether collective or individual. The work is divided into two sections, the first dealing with specifically the concepts of globalization and the emergence of the concept goal-balization, and the second deals with the impacts themselves. With this search, break away from the paradigm of that football is just a physical activity, demonstrating that there are many things to be studied besides to the four lines of the game.

Keywords: Soccer. Globalization. Market. Spectacle. Identity.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1 INTRODUÇÃO | 10 |
| 2 BREVE HISTÓRICO DO FUTEBOL | 13 |
| 3 GLOBALIZAÇÃO, GLOBALISMO E GOL-BALIZAÇÃO | 24 |
| 3.1 CONCEITO DE GLOBALIZAÇÃO..... | 25 |
| 3.2 GLOBALIZAÇÃO OU GOL-BALIZAÇÃO?..... | 34 |
| 4 OS IMPACTOS DA GLOBALIZAÇÃO NO FUTEBOL | 43 |
| 4.1 O FUTEBOL ENQUANTO MERCADORIA..... | 44 |
| 4.2 FUTEBOL E MERCADO..... | 47 |
| 4.3 FUTEBOL EM PERSPECTIVA IDENTITÁRIA..... | 50 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 54 |
| REFERÊNCIAS | 58 |

1 INTRODUÇÃO

Com este trabalho, buscamos alçar o futebol à uma perspectiva que vai além das quatro linhas de jogo e dos vinte e dois atletas correndo atrás de uma esfera de couro ou sintética. Nosso intuito é trabalhar o conceito de globalização e inserir o futebol nele, para podermos discutir os impactos gerados por esse elemento capitalista no futebol e na sociedade a partir do futebol.

Principalmente pelo fato de que a globalização está derrubando fronteiras, encurtando distâncias, estamos vivendo a era do globalismo, e o futebol é uma personagem muito importante para a compreensão deste cenário, afinal, a muitos anos deixou de ser uma prática simplesmente física.

É sabido que ao longo dos séculos diversas sociedades humanas deixaram registros rudimentares de práticas físicas de cunho recreativo ou festivo, diferindo do que conhecemos por esporte moderno¹, como veremos a seguir, ressaltando que estas atividades sempre estiveram presentes em todos os grupos que possuíam uma organização social complexa. Para Mandel (1984), quando nós olhamos para além da tradição esportiva moderna não podemos acreditar em tudo que está a frente de nossos olhos. Se encontrarmos por exemplo uma antiga pedra chinesa gravada com uma representação humana batendo ou chutando em algo esférico, não podemos dizer que ele é um precursor do jogador de futebol moderno

Dunning (2001), corrobora com essa ideia dizendo que é interessante pensar o início das distrações / esportização de atividades humanas em dois momentos, o primeiro no século XVIII com a afirmação do críquete, golfe, caça a raposa, corridas de cavalos e o boxe, e o segundo no século XIX onde o soccer e o rúgbi começam a ser organizados em clubes seletos de cavalheiros. Esses esportes, ao se modernizarem, passaram a organizar-se de maneira mais aberta, transferindo a zona

¹ O conceito moderno de esporte, para Mandell, formou-se no Reino Unido em conformidade com os desejos de diversão ou de ostentação das novas e ambiciosas classes sociais, e só depois disso espalhou-se pela América e por outros países da Europa. A Inglaterra é considerada como a pátria do esporte moderno não apenas porque os ingleses inventaram ou regulamentaram boa parte das modalidades esportivas hoje praticadas; é assim considerada também por ter introduzido uma série de inovações que mudaram a feição dos jogos e competições atléticas. Segundo ele, exemplos de novas ideias introduzidas são os obstáculos nas corridas (para incrementar a excitação até a linha final), a mensuração de disparidades (como nas apostas), os conceitos de “esporte amador” e “esporte limpo”, e a noção de recorde esportivo. Ainda mais profundas e difíceis de especificar são algumas bases conceituais latentes que estruturam o esporte moderno, como as concepções sobre a inteira submissão da vontade individual a um propósito coletivo (trabalho de equipe) e sobre os ganhos obtidos com planejamento de longo prazo (benefícios do treinamento). (PRONI, 2008, p.27)

de poder dos grupos encabeçados pelos proprietários de terra para os grupos burgueses. Eis que,

O principal local de onde provinha inicialmente essa segunda onda de esportização era da elite das public schools, um tipo de escola que, de maneira especificamente inglesa, dispunha de alto grau de independência em relação ao Estado. Esse alto grau relativo de autonomia facilitou a inovação no seio das public schools e isso, somado a um clima agudo de tensão e de competição entre elas, foi uma das condições da esportização do futebol, o processo durante o qual o soccer e o rúgbi começaram a emergir enquanto esportes modernos (DUNNING, 2001, p.99).

O futebol como conhecemos nos dias atuais, enquadra-se na ideia de esporte moderno que Mandel defende em seus estudos, tendo em vista as suas origens em meados século XIX na Inglaterra, caracteriza-se basicamente como um esporte aristocrático que ia muito além do desenvolvimento físico de seus praticantes, buscava desenvolver neles, valores morais como a lealdade e o respeito (os jovens aristocratas ainda que imberbes, eram treinados para tornarem-se jovens refinados e capazes de frequentarem a alta sociedade britânica).

A perspectiva do materialismo histórico de Marx é extremamente importante para explicar a transição específica do futebol “primitivo” para o futebol moderno (association football ou soccer). A “racionalização” e a “secularização do jogo (como discutido por weberianos e discípulos de Norbert Elias), e sua capacidade de promover a ordem social (Durkheim) foram desenvolvidos na Grã Bretanha por uma classe social privilegiada, com seus próprios interesses materiais. [...] Em 1828, Thomas Arnoldo tornou-se diretor de uma escola na cidade de Rúgbi e revolucionou a educação moral dos jovens ricos da nação. O esporte e a educação física foram fundamentais para essa missão. Os jogos foram introduzidos como estrutura de caráter, ensinando as virtudes de liderança, lealdade e disciplina, sintetizando a nobre filosofia de *mens sana in corpore sano*. Os novos “cavalheiros cristãos” deveriam manter a ordem política e econômica no lar, e mais tarde, dar sustentação à expansão do império no exterior. A reputação social dos jogos aumentou também, sendo “elevados ao status mais sério e envolvente do esporte” (GIULIANOTTI, 2002, p18).

As transformações que elevaram o futebol ao patamar atual, tornaram-se um rico objeto de estudo para historiadores, antropólogos e sociólogos, todavia trabalhar com uma história socioeconômica do futebol, nem de longe é fácil, tendo em vista que mesmo assumindo esse papel do objeto de estudo de renomados pesquisadores (Cesar Guazzelli, Hilário Franco Jr, Arlei Sander Damo, Richard Giulianotti, Pablo Alabarces e meu mentor Gerson Wasen Fraga, para ficar nos mais relevantes), ele ainda sofre preconceitos acadêmicos.

Nosso objeto de estudo, parte de uma análise de como e porque a globalização passou a influenciar o futebol na contemporaneidade, sob a luz de alguns apontamentos transversais de como capital passou a ser um fator decisivo para a organização do futebol contemporâneo, o valor para a aquisição de atletas em mercados periféricos é um atrativo, se pensando numa possível valorização e revenda (especulação e lucro) e por fim, como o público se insere neste novo cenário.

Eis que então, já temos os antagonistas para nosso “match”, de um lado temos o escrete econômico e de outro o escrete social, se digladiando para dar conta dos interesses dos torcedores patrocinadores, telespectadores e curiosos.

O escrete econômico vem capitaneado pelo conceito de Globalização (camisa 5, porque impõe respeito e fica bem no centro de nossa análise), e tem como grande destaque, o camisa 10, o Mercado, que pifa o nosso camisa 9 o Lucro. Já o escrete Social tem como dono do time, presidente, capitão e camisa 10 a Espetacularização do jogo, e como outro destaque nosso ponta esquerda as Identidades. O árbitro, é os Interesses difusos e escusos desse processo.

2 BREVE HISTÓRICO DO FUTEBOL

O futebol ao longo dos anos passou a agregar muitos outros valores além daqueles já citados anteriormente, que juntamente com o desenvolvimento físico dos atletas, passou a ser, um elemento capaz de desenvolver em todos os envolvidos com o esporte, uma consciência à aspectos que passavam despercebidos (por necessidade) pelas grandes massas, que não tinham como articular-se sem ficar à mercê das represálias da classe dominante.

Neste sentido, ele tornou-se uma ferramenta muito eficaz para o desenvolvimento das ditas identidades, seja ela de classe, cultural, nacional² ou de cunho político. O esporte originalmente aristocrático, passou a receber influências e influenciar o modus operandi daqueles que participam direta e indiretamente no meio futebolístico.

Percebemos este novo jogo de influências principalmente em fins do século XIX e início do século XX, quando ele passa a ser praticado não só por estudantes, mas também, por alguns operários que passam a fazer parte das agremiações³, acarretando assim, no emparelhamento entre os clubes.

Esta melhora dos clubes após a entrada dos operários, podia ser vista no campeonato mais antigo do mundo, a Copa da Inglaterra:

Praticado inicialmente por indivíduos de classe média alta, fundadores da Football Assosiation, logo o esporte ganhou o interior da Inglaterra e atraiu a classe média baixa e mesmo o operariado. Na década de 1870 surgiram clubes de empresas siderúrgicas (por exemplo, o West Ham), ferroviárias

²As identidades nacionais não são coisas com as quais nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação. Nós só sabemos o que significa ser “inglês” devido ao modo como a “inglesidade” veio a ser representada - como um conjunto de significados - pela cultura nacional inglesa. Segue-se que a nação não é apenas uma entidade política, mas algo que produz sentidos – um sistema de representação cultural. As pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação: elas participam da ideia da nação tal como é representada em sua cultura nacional (HALL, 2003, p.49). [...]As identidades nacionais não subordinam todas as outras formas de diferença e não estão livres do jogo de poder, de divisões e contradições internas, de lealdades e de diferenças sobrepostas. Assim, quando vamos discutir se as identidades nacionais estão sendo deslocadas, devemos ter em mente a forma pela qual as culturas nacionais contribuem para costurar as diferenças numa única identidade (HALL, 2003, p.65).

³A formação de clubes, levada a efeito por pessoas interessadas como espectadoras ou executantes numa ou noutra das suas variedades, representou um papel crucial no desenvolvimento do desporto. [...] Quando se tornou um hábito organizar confrontos de jogos ultrapassando o nível local, devido à deslocação das equipes de críquete de um local para o outro, tornou-se necessário garantir a uniformidade do jogo. Numa fase inicial, talvez dentro de um condado, os cavalheiros formavam, deste modo, um clube regional, cujos membros concordavam na unificação das tradições locais. [...] O mais elevado nível de organização de um clube regulador e supervisor dotava o jogo de um grau de autonomia em relação aos jogadores. (ELIAS, 1992, p. 65-6.)

(caso do Manchester United) e armamentistas (como o Arsenal). No começo da década seguinte o futebol passou a ser praticado nas escolas públicas, frequentadas por indivíduos oriundos das classes pobres porque o ensino primário torna-se obrigatório desde 1871. Em 1883 a equipe proletária do Blackburn Olympic, fundada apenas cinco anos antes, conquistou a Copa da Inglaterra batendo o time de elite de ex-aunos de Eton. Sinal dos novos tempos, uma semana antes da semifinal e da final aquela equipe dedicou-se apenas ao treinamento, financiado por um industrial local. Multidões mostravam-se dispostas a pagar para ver a equipe de sua cidade ou de sua fábrica jogar contra rivais locais. Comerciantes passavam a dedicar parte de seu tempo e de seus recursos a dirigir e a financiar clubes. Jogadores mais hábeis eram convidadas a deixar seu time por outro, do qual recebiam um emprego mais vantajoso. Só no ano de 1884, 55 escoceses deixaram suas cidades e seus empregos para jogar futebol na Inglaterra. (FRANCO JR, 2007, p. 34/35)

Este cenário de transformações, não é exclusividade da Inglaterra, na América do Sul, principalmente, no Brasil, na Argentina⁴ e no Uruguai⁵ a difusão do futebol entre as camadas populares, ocorre de maneira concomitante com o desenvolvimento das agremiações políticas principalmente de cunho esquerdista/revolucionário/anarquista, que vislumbraram no futebol, um campo aberto para a proliferação de suas ideias.

Existe o mito de fundação e organização do futebol brasileiro que a literatura ainda reproduz, que limita-se a divagar sobre a ideia de que ele é fruto da boa vontade dos pioneiros que trouxeram da Inglaterra as primeiras bolas e as regras do jogo, sendo Charles Miller⁶ e Oscar Cox os mais conhecidos.

Clarificando a linha dos pioneiros, é sabido que ambos eram jovens ricos e descendentes de britânicos, que tiveram a oportunidade de estudar na Europa e

⁴Tal qual em Buenos Aires, o futebol vai rapidamente romper os círculos elitistas e disseminar-se pelas ruas como elemento de uma “cultura operária” em formação. Franklin Morales aponta para a necessidade de preenchimento do tempo livre numa cidade que não oferece aos pobres recém-chegados qualquer possibilidade de lazer. E sugere que a convivência de diferentes grupos étnicos despossuídos, numa “promiscuidade forçada”, germinou uma rica cultura popular, e o “futebol é o produto comunitário deste ambiente”, tendo o tango “a mesma raíz” (MORALES, 1969:25-26). (JESUS, 2000, p.3)

⁵El fútbol y la sociedad se moldearon mutuamente. La institución del fútbol (es decir, tanto lo estrictamente deportivo como las prácticas sociales, políticas, simbólico-discursivas, emotivas y de imaginación que se desarrollan a su alrededor) funcionó como una mediación a partir de la cual fue moldeando una imagen de lo nacional-popular (BOURET e REMEDI, 2009, p.293-294)

⁶A difusão mais efetiva da bola pelo território nacional só começaria, contudo, a tomar corpo nos anos seguintes, e pela ação de diferentes e desconexos sujeitos. E, diferentes momentos e lugares. O contato com o esporte dentro da escola, por exemplo, fez com que muitos estudantes, depois de formados, procurassem criar condições para continuar a jogá-lo em outros cenários. O paulista Charles William Miller foi um deles: em 1894, após passar dez anos estudando na Inglaterra, país natal de seus pais, voltou a São Paulo munido de um livro de regras do association football, duas bolas para a sua prática, uma bomba de ar para enchê-las, um par de chuteiras, uma camisa do time do Banister Court School e outra do Saint Mary’s Football Club, ambos de Southampton, pelos quais se destacara como atacante (FRANZINI, 2009, p.13)

frequentar as melhores escolas e a alta sociedade tupiniquim. Sendo eles membros da elite paulista e carioca e contribuindo com a fundação dos primeiros clubes, foram mitificados no campo ideológico que criou a identificação do futebol para com a nação brasileira o que “coincide com uma tradição autoritária brasileira de privilegiar o protagonismo das elites em detrimento dos demais grupos sociais” (FRANCO Jr, 2007, p.61).

Mas não foi apenas dessa maneira que se fez o futebol no Brasil, não podemos deixar de citar por exemplo a Liga dos Canelas Pretas⁷, no Rio Grande do Sul, um apartheid existente entre brancos e negros, ricos e pobres, um traço comum do período, que para Franzini:

Numa sociedade ainda muito marcada pelo senso de hierarquia e pelo ranço escravocrata, a entrada em campo de pobres, negros e trabalhadores braçais significava a vulgarização, em seu sentido pejorativo, dos nobres ideais que o esporte trazia em si e que deveriam ser preservados (FRANZINI, 2009, p. 129).

FRANCO Jr, segue a mesma linha:

Esporte de bacharéis num país caracterizado por gigantesca desigualdade social, esporte de brancos em uma sociedade com marcas ainda expostas do escravismo, esporte associado a ícones do progresso e da industrialização numa economia ainda essencialmente agrária, o futebol tornou-se desde o início um dos ingredientes mais importantes dos debates acerca da modernização do Brasil e da construção da identidade nacional. (2007, p.61)

Com a popularização do esporte, já nas primeiras décadas do século XX, seus preceitos foram transformando-se, o esporte aristocrático foi dando espaço para um novo futebol, que trazia no seu bojo negros, pobres e operários, que viam nele uma fuga de sua realidade medíocre, como também uma forma de articulação e relação interpessoal com seus pares.

Com tais preceitos, o futebol acabaria criando ferramentas identitárias⁸,

⁷A Liga Nacional de Football Porto Alegrense era formada por clubes constituídos por mulatos e negros. A Liga da Canela preta, como era conhecida, contava com clubes como o Bento Gonçalves, nas cores vermelha e azul, o Riograndense, nas cores da bandeira do Rio Grande do Sul, o verde, amarela e vermelha, o Primavera, 1º de Novembro e 8 de Setembro. A liga iniciou por volta de 1912 e alcançou seu auge em 1920. (SCHERER, 2011, p.26)

⁸No Brasil, o futebol assumiu contornos diferenciados e parece ser o movimento social com efetivo poder aglutinador, pois se tornou mais forte que as religiões, os partidos políticos ou até o próprio matrimônio. Exemplo disso, é que em nosso país existem inúmeros segmentos religiosos, se permite as trocas de partidos políticos a cada processo eleitoral, e de cônjuge quantas vezes forem necessárias, mais é inadmissível deixar de torcer pelo seu ‘time do coração’ ou pela seleção. (KOCH, 2013, p.30)

bandeiras comuns defendidas pelas agremiações, e, que contrariando o seu sentido original, acolheu indistintamente também aos mestiços⁹, indo contra a lógica eugenista do período. “O futebol não precisou do imaginário nacional brasileiro para se tornar civilizado, pois ele já vinha contido nesse ideal. Foi a intelectualidade local que, ao se apropriar dele, o abrasileirou” (RIBEIRO, 2013, p.358). Cabe lembrar que esta acolhida não foi algo tão pacífico assim. Muitos abandonaram o futebol, como o Clube Atlético Paulistano, por não concordar com ela.

Temos ao longo das primeiras décadas do século XX diversas situações que corroboram sobre o papel que o futebol assumiu como ferramenta identitária e de cunho mobilizatório e participativo¹⁰.

Um exemplo, é a questão das equipes fabris¹¹ que proliferaram-se no Brasil, mais especificamente na região de São Paulo e Rio de Janeiro,

Os operários frequentavam as sociedades recreativas dançantes, engrossavam com sua presença os clubes de futebol, gostavam de bailes e de casas de jogo e apostas. Muitos dos bairros pobres e operários tinham seus times de futebol ou associações esportivas, os “clubes de várzea”, sendo muitos deles vinculados às fábricas e empresas. Alguns nomes de times de futebol ou sociedades esportivas: Fábrica Sant’Ana, Gasômetro F.C. Esportiva Casa Pratt, Maria Zélia F.C. (que teria sido inclusive muito célebre e conhecido), Aniação Paulista, Bloco Parnaíba, etc.(...) (DECCA, 1987. p.42).

Outro exemplo, eram os clubes organizados pelos comunistas:

⁹Dentre os ricos e abastados, defensores do amadorismo e do arianismo como modelo de selecionado nacional, essa ascensão popular de jogadores negros e mulatos de qualidade técnica inegável criava uma situação nova e contraditória. Para os que realmente queriam a expansão do esporte e o sucesso do futebol brasileiro frente a outras nações (principalmente na América do Sul), o que pesava era a qualidade do selecionado, fazendo com que a presença desses jogadores fosse necessária. Para aqueles que queriam permanecer com o futebol como símbolo de diferenciação social e hábito específico de uma elite, o fato desses jogadores negros e mulatos atuarem com cada vez maior frequência os distanciava do esporte. Nunca é demais lembrarmos que, em 1921, o próprio presidente da República, Epitácio Pessoa, se empenhou em “limpar” o selecionado brasileiro para o Campeonato Sul-Americano daquele ano (Argentina), proibindo a presença de jogadores negros. (COELHO, 2006, p.240)

¹⁰O futebol proporcionou visibilidade a um grupo de indivíduos que eram até então invisíveis. As classes populares, apesar dos limites, operaram com muita sagacidade sobre seus problemas e alcançaram resultados valiosos no cenário social a partir do futebol. Isso tudo se deu a partir de muitas tensões e, fundamentalmente por isso, este esporte se tornou tão significativo para a história do Brasil (SANTOS, 2009, p.211)

¹¹Inúmeros clubes surgiram de partidas de futebol improvisadas na rua ou no pátio da fábrica, durante o intervalo para o almoço. Aos poucos, a brincadeira ia ganhando organização. Como muita gente queria participar, os times começaram a ser formados no interior de cada seção de uma mesma indústria. Com o crescimento do número de times, mais partidas iam sendo realizadas, aumentando o tempo de jogo. Logo, só o intervalo para o almoço já não bastava. Estendeu-se, então, a atividade para os fins de semana. (ANTUNES, 1994. p.104)

Os grupos de tendência comunista, no final dos anos 20 e início dos 30, empreenderam, por exemplo, campanha pela “proletarização do esporte”, notadamente dos clubes de futebol. Essa “proletarização” significava trazer para junto dos sindicatos atividades esportivas de maneira a incentivar o comparecimento dos trabalhadores, sendo às vezes declarada a intenção de assegurar aos clubes de várzea e centros esportivos dos bairros operários uma direção dos próprios trabalhadores que os compunham, tentando evitar seu uso e manipulação. (DECCA, 1987. p.121)

Não foi somente no Brasil que os grupos de esquerda utilizaram o futebol como um braço para atingir as camadas populares e difundir suas ideias. Vários clubes foram criados com o intuito de veladamente ou não, difundir ideias que iam contra o sistema vigente, contra a exploração dos trabalhadores, a favor da luta de classes, da organização dos movimentos revolucionários e a conquista dos direitos civis de todos os cidadãos. Podemos destacar, equipes como Red Star na França, Dynamo de Kiev Ucrânia, St. Pauli Alemanha, Perugia e Livorno na Itália, Argentinos Jrs e o Chacarita Jrs (que foi fundado em uma biblioteca Socialista em 1906) na Argentina dentre outros, que empunhavam estas bandeiras.

O futebol durante as primeiras décadas do século XX foi se modificando, se reinventando, assumindo um caráter menos aristocrático e mais popular, agregando as massas que estavam relegadas ao chão das fábricas, sem oportunidades e ou condições para obter momentos de lazer e interação social. O futebol foi esta ferramenta, que transformou-se em sinônimo de paixão nacional, identidade nacional, como podemos constatar com a fala a seguir:

1. Uma arte popular e barata: o futebol não requer alfabetização, duas pedras fazem o gol, uma bola faz o jogo. Essa economia o tornou tão difundido. São mais de 10 000 partidas a cada domingo, da qual participam ou já participaram 85% dos brasileiros. Toda a população, assim, é parte ativa no processo de criação dessa arte que é o futebol. Por isso, é possível o acordo entre o intelectual e o semi-alfabeto, sobre a beleza deste ou daquele gol. Todos têm direito e condição para opinar, e essas opiniões pouco divergem, na verdade. Foi a nação em peso que obrigou, por exemplo, Zagalo a mudar o Selecionado na partida contra a Áustria. Se houvesse uma pesquisa nacional sobre os cinco ou dez melhores jogadores da atualidade, a unanimidade seria impressionante (Veja, no 93 de 17/06/1970, p.56 Apud CHAGAS, 2009, s/p)

Devido a profissionalização do futebol, passo seguinte do seu desenvolvimento, ocorrido após a incorporação das massas, o amor e a paixão de atletas e dirigentes¹²

¹²Os esportes, especialmente o futebol, seriam na atualidade a negação dos seus próprios ideais, dos

por uma agremiação aos poucos foi ficando para trás, pois o mercado busca lucros rápidos, o amor à camisa (existe até os dias atuais uma dificuldade de ser aceito por torcedores) foi substituído pelo culto ao dinheiro travestido de “profissionalismo¹³”. Restando aos torcedores continuarem amando incondicionalmente seu time, independente das vitórias ou das derrotas,

O futebol brasileiro visto como uma prática social, também se constitui num meio pelo qual os indivíduos expressam determinados sentimentos...o fato de torcer por um time mesmo quando esse não ganha títulos durante muitos anos pode ser vivido como um teste de fidelidade. Suportar as gozações de torcedores contrários após uma derrota põe a prova a paixão pelo time, mesmos nos momentos difíceis. Vencer um jogo contra um time tecnicamente mais forte reaviva a crença em um ser superior que realiza milagres (DAÓLIO, 1997, p.122).

O futebol contemporâneo, compreendido / delimitado aqui como o período entre a década de 1980 e os dias atuais, vem sofrendo por um processo de transformações significativas em seus conceitos, desde aspectos relacionados à preparação física, evolução técnica e tática, e a difusão de atletas estrangeiros nas ligas nacionais e nas seleções através do processo de naturalização.

O que pode ser considerado um claro contraponto ao futebol praticado principalmente até a década de 1960¹⁴, em que se valorizava, principalmente, as capacidades técnicas individuais dos atletas e não a preparação física por exemplo ou mesmo a busca de atletas em outras praças, sendo um período em que o futebol era tratado como um esporte semi profissional¹⁵.

Neste contexto entendido como contemporâneo, o futebol apresenta uma ideia de passaporte para o sucesso,

seus valores originais, tornando-se uma atividade permeada por interesses difusos, enquanto outrora se caracterizaram pelo amadorismo e, portanto, pela disputa em outros parâmetros, normalmente vistos como acima dos interesses econômicos: no caso, pelo amor à agremiação e coisas do gênero. (DAMO (b), 2001, p.84)

¹³ Quando falamos em profissionalismo, não o tratamos como algo ruim, na verdade buscamos trabalhar com a ideia que algumas transações entre clubes rivais passaram a ser corriqueiras o que era inimaginável ou extremamente raro até a dita profissionalização do futebol.

¹⁴ O futebol, até a década de 60 do século passado, baseava-se essencialmente na habilidade técnica e no jogo individual. Aquele que dominava algumas habilidades técnicas, tais como o drible, conseguia se destacar em relação aos demais jogadores, sem necessitar de outras qualidades. Posteriormente a este período, da ênfase na habilidade técnica, o futebol passou a conviver com a fase onde a preparação física ocupou quase todos os espaços. O futebol se tornou mais veloz, com maior contato corporal e com disputas físicas mais intensas. (PAOLI et al., 2008, p. 44)

¹⁵ A passagem do amadorismo para o futebol profissional é marcada pela entrada em cena de jogadores de origens populares nos grandes clubes, apesar dos obstáculos quase intransponíveis que tiveram que enfrentar. Os jogadores negros e mestiços são os pioneiros no que viria a ser conhecido como o “estilo brasileiro de jogar futebol”. (RODRIGUES, 2003, p. 24)

Ao analisarmos a relação entre as classes sociais e as expectativas dos praticantes de futebol, percebemos que boa parte de adolescentes oriundos de classes sociais mais elevadas provavelmente praticam-no com objetivos e interesses de lazer e distração, buscando saúde, sociabilidade ou qualidade de vida. Entretanto, se observarmos as expectativas de adolescentes originários das classes sociais mais desfavorecidas descobriremos que muitos de maior talento podem vir a enxergar neste esporte um caminho rápido, possível e viável de ascensão social. Alguns até mesmo se submetem aos testes (a “peneira”) em categorias de base de equipes profissionais, situação raramente encontrada com jovens de classes sociais mais elevadas. Para estes a ocupação primeira como atletas dificilmente estará na pauta das possibilidades a serem perseguidas profissionalmente. (ASSUMPÇÃO, 2011, p.95/6)

Além dos fatores citados, aliados à crescente demanda dos ditos mercados emergentes¹⁶ faz-se necessário uma análise dos elementos que permeiam o desenvolvimento do futebol contemporâneo, no nosso caso específico o fenômeno capitalista denominado globalização, que pode ser entendida como:

[...]o resultado das ações que asseguram a emergência de um mercado dito global, responsável pelo essencial dos processos políticos atualmente eficazes. Os fatores que contribuem para explicar a arquitetura da globalização atual são: a unicidade da técnica, a convergência dos momentos, a cognoscibilidade do planeta e a existência de um motor único na história, representado pela mais-valia globalizada. Um mercado global utilizando esse sistema de técnicas avançadas resulta nessa globalização perversa. Isso poderia ser diferente se seu uso político fosse outro. Esse é o debate central, o único que nos permite ter a esperança de utilizar o sistema técnico contemporâneo a partir de outras formas de ação. Pretendemos, aqui, enfrentar essa discussão, analisando rapidamente alguns dos seus aspectos constitucionais mais relevantes. (SANTOS, 2001, p. 26)

Sendo necessária esta análise, para se compreender, os cenários postos atualmente no cotidiano do futebol, que, ao fim da primeira década do século XXI, tornou-se um teatro, cujas personagens principais não são mais jogadores, técnicos e torcedores apenas, dividem a cena ainda, árbitros, empresas patrocinadoras, televisões e empresários.

O futebol após a sua profissionalização, não parou mais de evoluir, algumas regras foram alteradas – substituição de atletas durante o jogo foram permitidas a partir de 1958, as punições com cartão amarelo e vermelho foram instituídas em 1970,

¹⁶ O Banco Mundial define “emergente” aquela economia cujo nível de geração de riqueza, medida pelo produto nacional bruto (gross national product) per capita, encontra-se abaixo daquele de economias desenvolvidas. De acordo com Galli (2000), um país ou mercado emergente pode ser definido como aquele que encontra-se em processo de globalização, isto é, esteja abrindo suas fronteiras para o fluxo internacional de comércio e investimentos. (TAVARES & MORENO, 2007, p.6)

e 1992 ficou estabelecido que era vedado ao goleiro segurar com as mãos o recuo feito com os pés por um atleta de linha (informações extraídas do sitio oficial da FIFA).

Tecnicamente e taticamente com a evolução dos esquemas de jogo, que passaram a preencher e compactar os espaços do campo de jogo, para se ter uma noção da diferença entre os esquemas vamos apresentar do mais rudimentar ao mais “moderno”: 1x1x8, 1x2x7, 2x2x6, 2x3x5, o WM (3x2x2x3), 4x2x4, 4x3x3, 3x5x2, 4x5x1, 4x4x2 e o 4x2x3x1.

E, fisicamente com o advento das novas técnicas de preparação física aliada aos novos aparelhos de musculação e da tecnologia dos materiais esportivos (bolas, chuteiras e uniformes) e, é claro, economicamente, que ocorreu devido à sua mercantilização a sua transformação em um espetáculo, com interesses que vão além de defender e/ou fazer gols.

A principal característica desta nova fase é a comercialização do espetáculo futebolístico, a introdução da publicidade ao redor do gramado, nas camisas dos times e o televisoramento ao vivo de partidas de futebol que teve início em 1980. A mudança no estilo brasileiro de jogar torna-se mais evidente nesse período, especialmente quando os clubes e a seleção nacional adotam novos métodos de treinamento, dando ênfase à preparação física e à armação tática da equipe em campo. (RODRIGUES, 2003, p.27)

O futebol possui regras universais de organização, que norteiam a prática esportiva afim de evitar interpretações dúbias e possíveis favorecimentos¹⁷, contudo em cada localidade ele apresenta especificidades, tanto no modo como é visto, quanto na forma que desenvolvido, no Brasil isso não é diferente,

O que faz a especificidade do futebol é que ele se desenvolve num espaço nacional. Não apenas porque quase todos, no Brasil, estão concernidos pelo futebol. Mas porque qualquer time pode, em tese, competir com qualquer outro, porque os jogadores podem mudar de time, porque, no universo futebolístico, tudo se relaciona com tudo num clima geral de auto transparência, apesar dos conchavos e manipulações dos cartolas. A ‘sociedade futebolística’ é política precisamente pelo fato de alcançar essa dimensão nacional (DEBRUN, 1983, p. 89).

Corroborando com isso, temos a ideia de construção de sentimentos nacionalistas¹⁸, até mesmo em pessoas que não tem vínculo com partidos políticos,

¹⁷ que podem ocorrer ou melhor ocorrem ao bel prazer dos responsáveis pela administração dos times e da própria CBF – que tem um presidente que foi flagrado roubando uma medalha durante a premiação de uma Copa São Paulo de Futebol Júnior

¹⁸ A idéia de um homem (sic) sem uma nação parece impor uma (grande) tensão à imaginação moderna. Um homem deve ter uma nacionalidade, assim como deve ter um nariz e duas orelhas. Tudo

ou causas sociais, acabam identificando-se com aqueles homens em traje de gala com o manto do selecionado nacional, que com seus pés estão defendendo a pátria.

Neste contexto, podemos ainda reafirmar a ideia de que ele vai muito além das quatro linhas que delimitam o campo de jogo, principalmente num período em que o mapa mundi sofria com as alterações fronteiriças, causadas pelas independências das nações africanas e posteriormente das nações da antiga URSS e da ex Iugoslávia.

Aquilo que tem tornado o desporto um meio tão unicamente eficaz de inculcação de sentimentos nacionais, pelo menos para os homens, é a facilidade com que até mesmo os indivíduos menos políticos ou menos públicos podem identificar-se com a nação simbolizada por jogadores que se distinguem naquilo em que praticamente todos os homens querem, ou queriam em algum momento de sua vida, ser capazes. A imaginada comunidade de milhões parece ser mais real com um equipa de onze pessoas nomeadas. O indivíduo, mesmo aquele que apenas aplaude, torna-se, ele próprio, um símbolo da sua nação. (HOBBSAWM (a), 2004, p. 137)

Ainda, podemos apresentar outro fator que diferencia o futebol moderno entre os países que o praticam, o estilo de jogo, que produz inúmeros tratados entre aqueles que discorrem sobre o assunto, mesmo sem ter vínculo algum com os envolvidos no jogo. Neste sentido, todos são técnicos de futebol, capazes de argumentar e contra argumentar os mais diversos tipos de situações presentes durante as partidas. As primeiras definições de estilo de jogo, são oriundas de Freyre na década de 1930, contudo, sua melhor síntese encontramos no fragmento abaixo:

O nosso estilo de jogar futebol me parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de qualidades de surpresa, de manha, de astúcia, de ligeireza e ao mesmo tempo de brilho e de espontaneidade individual (...). Os nossos passes, os nossos pitus, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, ou alguma coisa de dança e capoeiragem que marcam o estilo brasileiro de jogar futebol, que arredonda e às vezes adoça o jogo inventado pelos ingleses e por eles e por outros europeus jogado tão angulosamente, tudo isso parece exprimir de modo interessantíssimo para os psicólogos e os sociólogos o mulatismo flamboyant e, ao mesmo tempo, malandro que está hoje em tudo que é afirmação verdadeira do Brasil. (FREYRE, 1957, p. 431/32)

Mas quais as causas deste fenômeno, como o futebol atingiu este patamar? Debrun (1983), aponta três fatores que podem explicar este cenário.

isso parece óbvio, embora, sinto, não seja verdade. Mas que isso viesse a parecer tão obviamente verdadeiro é, de fato, um aspecto, talvez o mais central, do problema do nacionalismo. Ter uma nação não é um atributo inerente da humanidade, mas aparece, agora, como tal (Gellner, 1983, p. 6).

“Um primeiro aspecto da politização imediata reside na igualdade de todos no futebol ou perante o futebol. Regras impessoais, objetivas, vigoram de fato nessa esfera, à diferença do que ocorre nas outras: quem ganha leva. Segundo, qualquer menino brasileiro pode nutrir a esperança de ingressar um dia na Seleção Brasileira, exatamente como qualquer soldado de Napoleão tinha uma potencialidade concreta de se tornar marechal. Nenhuma barreira de classe ou de casta. Terceiro, todos podem comentar, discutir, criticar infundavelmente os eventos do futebol: não há nessa área, como diria Marilena Chauí, nenhum ‘saber competente’ que possa recusar liminarmente a tomada da palavra por parte dos humildes” (Debrun, 1983, p. 89).

Aliado a tudo o que já foi exposto encontramos um elemento nevrágico, as torcidas dos times e seu comportamento, que nem sempre civilizado, pelo fato de o “eu” ser suprimido por um “nós”, o que se enxerga são coletivos:

O comportamento dos torcedores em estádios de futebol cria um fenômeno coletivo que tem recebido atenção desde o início do século XX. A sensação de dissolução da identidade pessoal do indivíduo – em termos de controle moral – e a criação de uma inércia emocional de natureza coletiva produzem a sensação de um acordo tácito que reduz a atividade dos mecanismos inibitórios, e age como um instrumento para legitimar comportamentos racistas e xenofóbicos que, provavelmente, nunca seriam exibidos em níveis individuais. Logo, há uma diminuição do autocontrole moral dos torcedores, acompanhado de um contágio emocional que, às vezes, pode levar a comportamentos violentos ou racistas (LLOPIS-GOIG, 2009, p. 35-36).

São estes mesmos torcedores que alimentam o futebol moderno e fazem as empresas licenciadas e patrocinadoras obterem lucros enormes com a venda de produtos com o escudo dos clubes, sem falar nos torcedores que movem mercados escusos, como o das apostas.

Mesmo assim o futebol moderno segue sendo uma ferramenta de organização social e muitas vezes como elemento festivo, vide os momentos em que os campeonatos se afunilam-se nas decisões e quando ocorrem os campeonatos de selecionados nacionais como a Copa do Mundo FIFA, que no ano de 2014 ocorreu no Brasil.

O futebol, no Brasil, é tão importante e abrangente que desafia classificações muito rígidas. Festa popular, escapismo, alienação, fator de integração social, celebração, veículo de ascensão social das classes populares, tema cômico, enredo melodramático. O que é o futebol para o brasileiro? Provavelmente tudo ao mesmo tempo [...] (ORICCHIO, 2006, p. 132).

Talvez o que mantenha o futebol em evidência, e como fenômeno mundial capaz de arrastar multidões à assistirem os jogos e a adquirirem os produtos

licenciados do clube do coração, é a imprevisibilidade do resultado dos jogos, tendo em vista que não são raros os casos de equipes consideradas favoritas serem derrotadas por equipes menores, vide os casos de Inter e Atlético Mineiro no Mundial de Clubes FIFA. Para DAMO (2001),

A imprevisibilidade é um dos componentes centrais do espetáculo esportivo. Ela é responsável pela manutenção da tensão entre os atletas e, por extensão, entre os torcedores. Embora a indeterminação seja essencial ao bom espetáculo esportivo, este não se reduz a ela. Por isso a compreensão da estrutura é importante, porém insuficiente para se entender, por exemplo, porque alguns jogos são mais espetaculares do que outros tendo todos eles a mesma base estrutural. O placar final não traduz, em hipótese alguma, os desdobramentos da partida. A excitação proporcionada pelos esportes decorre, fundamentalmente, da experimentação das ambiguidades proporcionadas pelo desenrolar dos eventos próprios à sua dinâmica, cujos códigos são de domínio. (Damo (b), 2001, p.85)

A partir deste breve histórico acerca da evolução do futebol ao longo do século XX, vamos trabalhar com a globalização e seus impactos nestas transformações e no desenvolvimento do esporte bretão.

3 GLOBALIZAÇÃO, GLOBALISMO E GOL-BALIZAÇÃO

A dita ordem mundial passou por inúmeras transformações ao longo do desenvolvimento da humanidade, transformações que poderiam ocorrer lentamente de forma quase imperceptível, ou de repente com estopins diversos, “tudo se move. A história entra em movimento, em escala monumental, pondo em causa cartografias geopolíticas, blocos e alianças polarizações ideológicas e interpretações científicas.” (IANNI (c) 1996, p 12).

Conceitos de colonialismo, dependência, imperialismo, passam a ser reinterpretados, ressignificados, de acordo com o novo cenário mundial desenhado a partir da nova correlação de forças entre as potências dominantes. Nesta mesma linha, os projetos nacionais passam também por esse processo, para adequar-se as novas demandas que a ordem mundial¹⁹ – “uma nova formatação capitalista gerada nas últimas décadas pelo incessante processo acumulação e internacionalização dos capitais” (FIORI, 1995, p.7) – estabelecida impõe. Este impacto nas vias nacionais não é velado, aliás, diretamente sentido pelas classes subalternas dos países subdesenvolvidos e das economias emergentes.

Temos a emergência de um cenário em que os estados nacionais gradualmente vem perdendo sua força, principalmente pela “[...] expansão de empresas, corporações e conglomerados transnacionais, articulada com a nova divisão transnacional do trabalho e a emergência das cidades globais, [...]” (IANNI (c),1996, p.17), as fronteiras cartográficas vão se diluindo perante a um capital universal.

A sociedade global não é somente uma realidade em constituição, que a penas começa a mover-se como tal, por sobre nações e impérios, fronteiras e geopolíticas, dependências e interdependências. Revela-se visível e incôgnita, presente e presumível, indiscutível e fugaz, real e imaginária. De fato, está em constituição, apenas esboçada aqui e acolá, ainda que em outros lugares apareça inquestionável, evidente. São muitos os que têm dúvidas e certezas, convicções e ceticismos sobre ela. (IANNI (c),1996, p 30)

Neste mundo globalizado, fronteiras reais e imaginárias são diariamente pulverizadas, os atores sociais movem-se em todas as direções e para todas as

¹⁹ Nesta nova ordem mundial em que prevalecem os fatores econômicos, as economias em desenvolvimento contam com pouca ou nenhuma fonte de poder para participar da luta pelo produto mundial (GILPIN, 1993, p 159).

direções, acabam abrindo seus horizontes e modificando duas identidades, com os pés-de-obra não é diferente, atualmente não sendo raro a naturalização de atletas em pátrias que não tem nenhum vínculo sanguíneo, parentesco familiar ou mesmo afetivo. Ao longo deste capítulo, vamos trabalhar com algumas definições do fenômeno capitalista denominado Globalização.

3.1 CONCEITOS DE GLOBALIZAÇÃO

Ao longo deste capítulo vamos trabalhar o conceito de globalização a partir de alguns teóricos. Começamos com Beluzzo (1997),

Globalização é um conceito demasiado impreciso, enganoso e carregado de contrabandos ideológicos. Ainda assim, se pretendemos avançar na análise e compreensão dos processos de transformação que sacodem a economia e a sociedade contemporâneas, não há como ignorá-lo. O uso generalizado desse conceito, a sua ampla aceitação nos meios de comunicação e no ambiente acadêmico, deve ser compreendido como um indício de que mudanças relevantes vêm ocorrendo no mercado mundial, nas formas de organização empresarial, nas normas de competitividade, para não falar das transformações na órbita financeira e monetária, de longe as mais significativas (BELUZZO, 1997, p. 53).

Santos (2001), também apresenta sua concepção acerca da globalização:

A globalização é, de certa forma, o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista. Para entendê-la, como, de resto, a qualquer fase da história, há dois elementos fundamentais a levar em conta: o estado das técnicas e o estado da política. (SANTOS, 2001, p 23)

É interessante um aparte aqui, pois a referência estado das técnicas e estado da política, inseridas no globalismo vigente do capital internacional, pois é ele que rega a economia política, e que conseqüentemente estabelece quais técnicas vão ser utilizadas para atingir o objetivo maior do sistema capitalista. Para Milton Santos, a técnica²⁰ parte do social, que acaba influenciando o individual. E, ao atingir o individual se choca com as ditas “liberdades” que o sistema tem em seu âmago.

Retornando para nossa busca pelas definições de Globalização, Chomsky (1999) contribui afirmando que ela não está definida suficientemente para ser

²⁰ as técnicas são oferecidas como um sistema e realizadas combinadamente através do trabalho e das formas de escolha dos momentos e dos lugares de seu uso. É isso que fez a história. (SANTOS, 2001, p21)

sinônimo de qualquer coisa, nem mesmo no Capitalismo, De maneira neutra, "globalização" significa uma integração internacional especificamente econômica. Seria parecida com a ideologia do Consenso de Washington.

Chomsky, questionado no programa Roda Viva de 09, dez. 1996, por Breno Altman sobre inevitabilidade da globalização e quais as possíveis alternativas para esse cenário²¹, trata a da seguinte maneira:

Primeiro, a globalização em si não é boa nem má, depende de que forma de globalização se trata. Se for do tipo que une as pessoas ao redor do mundo, é maravilhosa, sou a favor. O tipo de globalização que transfere o poder para as mãos do que a imprensa mercantil chama de governo "de fato" do mundo, das instituições financeiras internacionais que representam corporações transnacionais e seus afiliados locais, isso é ruim, é prejudicial para todas as pessoas do mundo. A questão é: que forma assume a globalização? Incidentalmente, quanto à inevitabilidade da globalização, deve-se cuidar de distinguir doutrina de realidade, medir fluxos de negócios, investimentos etc. O nível de globalização no mundo não é tão dramaticamente diferente do que foi no passado. Há diferenças, mas não dramáticas, nem em escala, e a maioria das interações é interna para os países ricamente desenvolvidos. Então, a maior parte, 75%, dentro da Europa, Japão e Estados Unidos. E a forma que toma depende do que as pessoas fazem com isso. Pode-se ter uma forma muito construtiva de globalização, na qual existam intercâmbios culturais e econômicos, ligações vitais se desenvolvendo entre as pessoas ou pode-se ter um tipo que transformará o mundo em uma espécie de Brasil. O Brasil é um caso extremo com dois países radicalmente diferentes, um pequeno e rico que faz parte da elite internacional e outro país enorme que é como a África Central.

E segue, com a ideia de que são as decisões humanas que norteiam esses processos, portanto, não são inevitáveis:

O mundo poderia se transformar nisso. Com efeito, está acontecendo nos Estados Unidos e na Inglaterra e em menores extensões em outras partes nesse momento. Mas esses são assuntos que estão sob controle, não há nada de inevitável neles. Não são leis da natureza. São decisões em instituições humanas que podem ser mudadas como todas as outras. Que tipo de mundo poderá ser? De maior liberdade e justiça. Tenho meu próprio ponto de vista de como deveria ser, penso como um anarquista à moda antiga, como era aos 10 anos. Acho que a ordem mundial deve ser baseada em associação mútua e voluntária onde quer que as pessoas estejam juntas, ou seja, controle do trabalhador no local de trabalho, controle da comunidade, associações voluntárias, arranjos federais entre atravessar fronteiras facilmente, não há nada de especial nelas. Acho que é totalmente viável um

²¹ Professor Chomsky, as opiniões sobre globalização e nova ordem majoritariamente têm se dividido em dois tipos: os eufóricos, que vibram com esse novo modelo de desenvolvimento dos países, e os conformados, que criticam esse modelo, mas o consideram inevitável. Na sua opinião, o senhor, que é um dos grandes críticos da globalização, há alternativa para os povos fora desse caminho? Há possibilidade de um outro modelo de organização da sociedade em resposta à globalização? Como no passado, por exemplo, houve modelos de uma sociedade não-capitalista, algum modelo alternativo à globalização e à nova ordem mundial?

mundo assim, mas isso significa eliminar concentrações de poder. E, no momento, o poder está concentrado, a democracia está declinando e isso é algo contra o qual devemos lutar, pois não é inevitável. E não é uma lei da história. Olhando a história, houve de tudo: houve vitórias da liberdade, houve expansões de democracia, houve contrações. Estamos num período de contração, mas isso mudará, como mudou antes. (09, dez. 1996)

Ele traz algumas apontamentos que são pertinentes, antes de suas críticas, acaba trazendo uma frase que pode acarretar alguma reflexão, “Primeiro, a globalização em si não é boa nem má, depende de que forma de globalização se trata.” Ou seja, mesmo que de maneira sutil, ou nem tão sutil assim, ele coloca no bojo das contradições do capitalismo os problemas da globalização, no que tangem é claro, os fatores econômicos e a correlação de forças estabelecidas entre os atores desse jogo.

Hermann (1999), seguindo a linha de Chomsky também vislumbra um conceito de globalização:

Globalization is both an active process of corporate expansion across borders and a structure of cross-border facilities and economic linkages that has been steadily growing and changing as the process gathers steam. Like its conceptual partner "free trade," globalization is also an ideology, whose function is to reduce any resistance to the process by making it seem both highly beneficent and unstoppable. (HERMANN, 1999, s/p)²²

Vizentini (1997) aprofunda a ideia de globalização enquanto fase do capitalismo,

O que vulgarmente é chamado de "globalização" na verdade constitui uma fase do capitalismo mundial, iniciada como uma resposta à crise do modelo de acumulação fordista-keynesiano nos anos 70. Assim neste texto, "globalização" será empregada justamente no sentido de processo popularizado pela mídia, estando entre aspas ou não. Esta gigantesca transformação, que se expressa materialmente como uma Terceira Revolução Industrial, é impulsionada pela crescente competição entre polos econômico, e cada vez mais marcada pelos paradigmas da Revolução Científico- Tecnológica (RCT). (VIZENTINI, 1997, p 34)

Vizentini, acaba trazendo à tona algo que nos parece interessante debater, porque dentre todas as definições aqui apresentadas, ele remonta uma ideia de

²² A globalização é tanto um processo ativo de expansão da empresa além de suas fronteiras como de uma estrutura de instalações transfronteiriças e vínculos econômicos que tem crescido e mudando a medida que o processo dissemina-se. Tal como o seu parceiro conceitual "livre comércio", a globalização é também uma ideologia, cuja função é reduzir qualquer resistência ao processo, a fazendo parecer altamente benéfica e imparável. (tradução nossa)

globalização como uma fase do capitalismo, um contra ataque ao modelo vigente até o final da década de 1970 o fordista-keynesiano²³. O que facilitaria a compreensão das novas técnicas adotadas pelo sistema capitalista com o intuito de atenuar suas contradições internas e, principalmente manter seu domínio sobre as nações do terceiro mundo.

Todavia, ele acrescenta à seu conceito de Globalização:

A globalização tem recebido definições técnicas bastante restritivas, tais como "o aumento do comércio internacional num percentual superior ao aumento da produção dentro dos países", "a internacionalização do capital financeiro" ou "a mundialização da produção industrial, segmentada por diferentes países". Estas características constituem sobretudo manifestações de um processo impulsionado fundamentalmente pela concorrência em busca de maior competitividade e de mercados consumidores. Esta concorrência, por sua vez, tem sido dinamizada e condicionada pela RCT. Além disso, o processo de globalização tem sido apresentado como um fenômeno de abertura simultânea das economias nacionais, o qual teria como resultado uma mundialização homogeneizada. Contudo, como argumenta Igor Moreira, "(a globalização) é seletiva, pois escolhe alguns lugares, certas atividades, determinados setores e alguns grupos ou segmentos sociais para serem mundializados e desfrutarem de inegáveis benefícios. Assim, enquanto muitos lugares e grupos de pessoas se globalizam, outros, às vezes bem próximos, ficam excluídos do processo. Por esse motivo, (ela) tende a tornar o espaço mundial cada vez mais homogêneo. Além disso, na medida em que o capital atinge elevadas taxas de composição orgânica, com a lucratividade e acumulação dependendo cada vez menos do fator salário, a globalização vem provocando forte concentração de riqueza, aumentando as diferenças entre os países e [...] entre as classes e segmentos sociais" (Moreira, 1997, p. 15). (VIZENTINI, 1997, p40)

Ignácio Sosa, também traz um conceito de Globalização bem interessante, pois o faz a partir do cenário mexicano, em que ele faz uma distinção entre as visões de vencedores e vencidos pelo processo:

La globalización, entendida por los vencedores, es un fenómeno de múltiples significados referidos a las posibilidades ilimitadas de enriquecimiento privado, sin el obstáculo que representaban las ideologías con preocupaciones sociales y las sistemas económicos que las amparaban. Uno de estos significados es el del surgimiento de una nueva era liberada de los errores y obstáculos del pasado. La globalización, de acuerdo a sus voceros, es una ruptura que marca distancia entre un pasado de errores, de confusiones, y un presente basado en la certeza. Otro significado se refiere a la oportunidad que brinda la nueva situación internacional para establecer

²³De modo mais geral, o período de 1965 a 1973 tornou cada vez mais evidente a incapacidade do Fordismo e do Keynesianismo de conter as contradições inerentes ao capitalismo. Na superfície, essas dificuldades podem ser melhor apreendidas por uma palavra: rigidez. Havia problemas com a rigidez dos investimentos de capital fixo de larga escala e de longo prazo em sistemas de produção em massa que impediam muita flexibilidade de planejamento e presumiam crescimento estável em mercados de consumo invariantes. Havia problemas de rigidez nos mercados, na alocação e nos contratos de trabalho (especialmente no chamado setor "monopolista") (HARVEY, 1992, p. 135).

un ajuste de cuentas con los partidarios, locales e internacionales, de la participación estatal. La marginación, por no decir olvido, de los partidarios del intervencionismo en cualquierá de sus modalidades es una constante en los últimos lustros. (SOSA, 1997, p 171)

Ou seja, temos uma ideia de globalização, em que ela é uma faceta do imperialismo capitalista que busca referendar as decisões tomadas pelo grupo dominante afim de manter sua influência econômica e política sobre as nações subdesenvolvidas / pobres.

Encontramos nas corporações multinacionais a força motriz dessa dominação, este fenômeno fica explícito na “invasão” dos conglomerados multinacionais que ocorrem nos países subdesenvolvidos, perpassando por todas as áreas das sociedades envolvidas, como por exemplo montadoras de veículos (Kia, Renault, GM, Ford, Nissan, dentre outras), fast food (McDonalds, Subway, Coca Cola, Pepsi, Habib’s, Burger King) bancos (Itaú, Bradesco, Santander), e em outras diversas áreas em que temos holdings²⁴ e trustes²⁵ (Ambev, Unilever, Nestlé).

Neste sentido temos uma noção desta grande influência das corporações, que acabam por controlar as ações das nações subdesenvolvidas e suas respectivas sociedades, assim,

Consideramos, em primeiro lugar, a emergência de uma dupla tirania, a do dinheiro e a da informação, intimamente relacionadas. Ambas, juntas, fornecem as bases do sistema ideológico que legitima as ações mais características da época e, ao mesmo tempo, buscam conformar segundo um novo ethos as relações sociais e interpessoais, influenciando o caráter das pessoas. A competitividade, sugerida pela produção e pelo consumo, é a fonte de novos totalitarismos, mais facilmente aceitos graças à confusão dos

²⁴ As holdings foram introduzidas no ordenamento nacional com o advento da Lei 6.404 de 1976, a Lei das Sociedades Anônimas. O termo holding, do inglês, to hold, significa manter, controlar, guardar, segurar, deter. A sociedade holding, em sentido amplo, é aquela que participa de outras sociedades, como acionista ou quotista. Em outras palavras, é uma sociedade constituída, com personalidade jurídica própria, cujo capital social, ou uma parte dele, em princípio, é subscrito e integralizado com participações societárias de outras pessoas jurídicas e/ou físicas. (STEINFELD, 2013, s/p)

²⁵ Truste: Conjunto de empresas que se juntam para dominar o mercado. O controle é acionário mas as empresas tem autonomia. Os trustes podem ser horizontais, quando as empresas atuam no mesmo ramo de produção. Ou verticais, quando o conjunto de empresas produz desde a matéria prima até a venda do produto. Reunião de empresas que perdem seu poder individual e o submetem ao controle de um conselho de trustes. Surge uma nova empresa com poder maior de influência sobre o mercado. Geralmente tais organizações formam monopólios. Os trustes surgiram em 1882 nos EUA, e o temor de que adquirissem poder muito grande e impusessem monopólios muito extensos fez com que logo fossem adotadas leis antitrustes, como a Lei Sherman, aprovada pelos norte-americanos em 1890. O truste procura obter o controle total da produção, desde as fontes de matérias primas até a distribuição da mercadoria, dispondo assim da oferta e dos preços. os métodos para a formação desses conglomerados eram muitas vezes o suborno ou a guerra comercial que consistia em baixar artificialmente o preço das mercadorias até derrotar a(s) firma(s) concorrente(s) para depois incorporá-la(s) e fixar os preços à vontade. (BERTO, 2004, p 13)

espíritos que se instala. Tem as mesmas origens a produção, na base mesma da vida social, de uma violência estrutural, facilmente visível nas formas de agir dos Estados, das empresas e dos indivíduos. (SANTOS, 2001, p 36)

Seguindo a busca pela definição de um conceito de globalização, encontramos em Ianni uma metáfora para explicar aquilo que entende como conceito de globalização, comparando a economia capitalista como os setores de uma fábrica,

A fábrica global é tanto metáfora, quanto realidade, altamente determinada pelas exigências da reprodução ampliada do capital. No âmbito da globalização, revelam-se, às vezes, transparentes e inexoráveis os processos de concentração e centralização do capital, articulando empresas e mercados, forças produtivas e centros decisórios, alianças, estratégias e planejamentos de corporações, tecendo províncias, nações e continentes, ilhas e arquipélagos, mares e oceanos.” (IANNI (a), 1994, p.12 e 13).

Alguns teóricos neoliberais acabam por defender esse modelo por caracterizarem este fenômeno como o passo evolutivo do mercado mundial, e que o sucesso dessa empreitada depende exclusivamente da capacidade de transformação das estruturas econômicas que os governos nacionais possuem:

Segundo os economistas neoliberais, a modernização e o desenvolvimento econômico dos países dependem apenas da capacidade dos governos de reformarem as estruturas econômicas de seus países com vistas a adaptá-los ao mundo globalizado, ou seja, é imprescindível realizar as seguintes reformas econômicas: abrir a economia à concorrência internacional, propiciar ampla liberdade de movimento ao capital, desregular o mercado interno, em especial o mercado de trabalho, e realizar uma ampla privatização das empresas estatais. Em outras palavras, as reformas econômicas devem ser feitas de forma a permitir a maior liberdade possível ao capital em sua busca do lucro máximo. Se isso for feito, o resultado será o de elevar o crescimento econômico, reduzir o desemprego, eliminar os desequilíbrios no comércio internacional, estabilizar os preços e o próprio sistema econômico - ou seja, criaremos as condições básicas – para termos uma economia próspera e eficiente. (MALDONADO FILHO, 1997, p23)

Nesse contexto encontramos outro elemento basilar do capitalismo, a concepção de estado mínimo que é uma proposta do neoliberalismo, e a reafirmação do papel subalterno dos governos nacionais na era do globalismo.

Seguimos, ainda com Maldonado Filho para mais um conceito de globalização:

A globalização (na verdade, a universalização do capitalismo) significa que o mercado tem-se tornado, crescentemente, no regulador da economia e de toda a vida social e política dos países. Essa expansão da regulação do mercado, por sua vez, corresponde a uma restrição do poder democrático dos Cidadãos. Tudo o que for regulado pelo mercado deixa de estar sujeito ao controle e decisão democrática dos cidadãos.

Portanto, a globalização da economia implica, de fato, uma redução do escopo da democracia: esta torna-se, cada vez mais, apenas direitos formais e eleições. Portanto, uma alternativa à globalização e às políticas neoliberais consiste na luta pela expansão da democracia tanto na esfera política como econômica. Em termos mais concretos, uma alternativa à globalização e ao neoliberalismo passa pela ampliação da democracia, que pode ser atingida através das seguintes medidas: a) democratização da gestão dos fundos de propriedade coletiva dos trabalhadores e o uso de parcela desses recursos nos seus interesses; b) incentivo à democratização da gestão das empresas; c) incentivo à criação de empresas cooperativas; d) reforma agrária; e f) democratização da propriedade do capital. (MALDONADO FILHO, 1997, p 32/33)

No nosso caso, vamos nos balizar pelo conceito de globalização apresentado pelo teórico marxista Lazlo Mészáros, que trabalha com uma ideia de que o fenômeno da globalização é um processo que está intrínseco no desenvolvimento capitalista e que não é a solução para os problemas de ordem mundial.

Para ele ainda, a globalização é um braço que tem como principal objetivo implodir todas as possíveis barreiras que o capitalismo viesse a encontrar em sua jornada de dominação mundial, como vemos na sequência:

Atualmente, vemos ser oferecida a varinha mágica da globalização como uma solução automática para todos os problemas e contradições enfrentados. Esta solução é apresentada como uma novidade completa, como se a questão da globalização aparecesse no horizonte histórico somente há uma ou duas décadas com sua promessa de bondade universal, ao lado da outrora igualmente saudada e reverenciada noção da “mão invisível”. Mas, na realidade, o sistema do capital moveu-se inexoravelmente em direção à “globalização” desde seu início. Devido à irrefreabilidade de suas partes constitutivas, ele não pode considerar-se completamente realizado a não ser como um sistema global totalmente abrangente. É por essa razão que o capital procurou demolir todos os obstáculos que permaneciam no caminho de sua plena expansão e porque ele deve continuar a fazê-lo enquanto o sistema perdurar. (MÉSZÁROS (a), 2009, p.14)

Mészáros ainda nos mostra que:

Independentemente das alegações da atual “globalização”, é impossível existir universalidade no mundo social sem igualdade substantiva. Evidentemente, portanto, o sistema do capital, em todas as suas formas concebíveis ou historicamente conhecidas, é totalmente incompatível com suas próprias projeções – ainda que distorcidas e estropiadas – de universalidade globalizante. E é enormemente mais incompatível com a única realização significativa da universalidade viável, capaz de harmonizar o desenvolvimento universal das forças produtivas com o desenvolvimento abrangente das capacidades e potencialidades dos indivíduos sociais livremente associados, baseados em suas aspirações conscientemente perseguidas. A potencialidade da tendência universalizante do capital, por sua vez, se transforma na realidade da alienação desumanizante e na reificação. (MÉSZÁROS (b), 2003, p. 17)

Para ele, a globalização é um condicionante do desenvolvimento humano. Desde os seus primeiros estudos sobre o capitalismo, Marx vislumbrou isso. Mészáros critica Martin Wolf, do Financial Times e seu argumento que uma integração jurisdicional se fazia urgente, em tese seria um retorno a debates como a ALCA. “A globalização é uma necessidade, mas a forma em que é exequível e sustentável é a de uma globalização socialista, com base nos princípios socialistas da igualdade substantiva.” (Mészáros (c), 2009, s/p).

Ele ainda trabalha com a ideia (em nosso julgamento correta) de que não existe uniformidade neste processo de desenvolvimento, os elementos desenvolvidos na Europa ou na Ásia, podem ser totalmente distintos daqueles que estão em desenvolvimento na América Latina. Sendo um desenvolvimento que ocorre de forma desigual e combinada.

Neste sentido, ainda tem-se o aprofundamento das contradições sociais muito pela falha dos ditos milagres econômicos regidos pelo capital internacional e sua ideia de um mundo sem fronteiras, num breve levantamento, encontramos não menos que quatro “milagres” no período pós guerra, temos o Milagre Alemão, o Milagre Japonês, o Milagre Brasileiro o Milagre dos Tigres Asiáticos. Em tese seria a prova irrefutável que o globalismo neoliberal estava sendo bem sucedido, todavia, não podemos deixar passar que todos foram convertidos nas palavras de Mészáros(c) “todos esses milagres tenham se convertido na mais terrível realidade prosaica.”

Mészáros é ainda mais enfático na questão da Globalização trazer um falso sentido de unidade, que não existem problemas nem contradições em seu bojo como os teóricos neoliberais apregoam,

O capital não é uma entidade homogênea; e isso engendra grandes complicações para toda a questão da “globalização”. Da forma com que se apresenta costumeiramente, a “globalização” é uma completa fantasia, sugerindo que todos nós viveremos sob um “governo global” capitalista e que, de modo não problemático, obedeceremos às normas desse governo global unificado. O que é totalmente inconcebível. Não pode haver uma maneira de trazer o sistema do capital sob o domínio de um grande monopólio que proporcionaria a base material para o referido “governo global”. Em realidade, temos uma multiplicidade de divisões e contradições, e o Capital social total é a categoria abrangente a qual incorpora a pluralidade de capitais com todas suas contradições. Agora, se você olhar para o outro lado, também a Totalidade do trabalho nunca pode ser considerada como uma entidade homogênea, enquanto o sistema do capital sobreviver (MÉSZÁROS (d), 1999, p 22)

Em linhas gerais, a perversidade do sistema é fruto da adesão aos

comportamentos competitivos das ações hegemônicas propostas pelo capital. Não é errado se pensar que a globalização é responsável direta ou indiretamente de algumas mazelas contemporâneas. A globalização acaba por trazer para a sociedade alguns problemas graves, como por exemplo a destruição dos pequenos, pois as marcas globais que vamos ver mais a frente acabam por expandirem-se a todos os cantos do globo, gerando uma concorrência desleal com os grupos locais.

A globalização da informação talvez seja um dos poucos fatores positivos de todo esse cenário posto, afinal com a revolução tecnológica, as transmissões ocorrem em escala global e em tempo real. Todos tem acesso aos acontecimentos do mundo, desde notícias sobre guerras, catástrofes naturais até a transmissão de campeonatos futebolísticos em países onde o futebol não um esporte tradicional.

Em síntese,

- a) A globalização consubstanciaria uma nova etapa no desenvolvimento do capitalismo, na qual a integração mundial de mercados suplanta a estruturação anterior do sistema em economias nacionais autônomas.
- b) Esta nova etapa seria caracterizada pelo descolamento do (grande) capital dos Estados e economias nacionais, o que conferiria a esse capital uma natureza essencialmente global.
- c) A formação deste capital global estaria levando ao enfraquecimento generalizado dos Estados nacionais, suplantados por novas estruturas mundiais de poder polarizadas pelas empresas que predominam nos mercados globais.
- d) Este processo de globalização econômica estaria sendo acompanhado por um processo análogo e interligado de "mundialização da cultura", com valores e identidades globais superando os valores e identidades nacionais.
- e) Esta "mundialização da cultura", por sua vez, estaria conformando uma nova "sociedade civil global", que também se desprende do marco nacional e, cada vez mais, encaminha as suas reivindicações diretamente para os organismos internacionais que constituem o esboço de uma espécie de "governo mundial" (ONU, FMI, Banco Mundial, etc.).
- f) Para o bem ou para O mal (segundo o enfoque do analista), este conjunto de processos imporia aos Estados nacionais uma agenda única de ajuste macroeconômico e uniformização institucional-regulatória, orientada para a "integração plena" nos fluxos mundiais de comércio e investimento. (FERNANDES, 1997, p 14/15)

Intencionalmente, buscamos nos apropriar do conceito de globalização para conseguirmos seguir com nossa peleja para entender os seus impactos no futebol contemporâneo. Pois sem um avanço teórico, nossa análise careceria de fontes e cairia em um subjetivismo do ponto de deter-se no dito "amor à camisa", deixando de lado um cenário que escancara as contradições sociais existentes no mundo contemporâneo, da tendência universalizante do capital. Que, acaba adentrando em nichos que passavam despercebidos e que outrora não despertavam nenhum

interesse do capital internacional. Temos o caso do futebol por exemplo que acabou sendo invadido pelo capital e pelos interesses de sheiks, novos bilionários e grandes corporações, que tratam o seu futebol como um passatempo, fazendo na vida real o que muitos amantes desse esporte faziam virtualmente nos jogos conhecidos como Managers.

3.2 GLOBALIZAÇÃO OU GOL-BALIZAÇÃO?

Ao longo da primeira parte deste trabalho, vislumbramos alguns conceitos de Globalização a partir de diversos autores, historiadores, geógrafos e economistas que nos auxiliaram a estabelecer alguns parâmetros para entender e nortear nosso trabalho.

A Globalização enquanto fenômeno capitalista acaba por criar elementos que unem e segregam ao mesmo tempo, pois ao passo que anula distâncias de tempo e espaço, não produz uma homogeneização, mas uma difusão polarizada.

La globalización divide em la misma medida en que une; las causas da división son las mismas que promueven la uniformidad del globo. Juntamente con las dimensiones planetarias emergentes de los negocios, las finanzas, el comercio y el flujo de información, se pone en marcha un proceso "localizador", de fijación del espacio. Estos dos procesos estrechamente interconectados introducen una tajante línea divisoria entre las condiciones de existencia de poblaciones enteras, por un lado, y por los diversos segmentos de cada una de ellas, por otro. (MACHADO, 2009, p 180)

Antes mesmo de se ter um conceito concreto de Globalização, ela já podia ser sentida, mas travestida de caráter político ideológico, como no caso da deserção em massa de toda a seleção sub-21 da Hungria após viagem para disputa de um campeonato na Bélgica em 1957, além dos craques da Seleção de Ouro que fugiram para a Espanha, Puskas foi para o Real Madrid e Kocsis e Czibor foram para o Barcelona. Era uma mostra clara do poderio econômico do bloco capitalista, aliada ao poder das "liberdades individuais", que se propagavam no globo.

Em tese, esta globalização pode ser sentida de maneira mais clara no ano de 1974 quando a FIFA elegeu seu primeiro presidente não europeu, o brasileiro João Havelange, que contou com os votos de latino americanos e africanos. Foi o primeiro passo para a internacionalização do futebol de fato, que se consolidou em 1995 com

o caso Bosman²⁶, se expandiu em ainda mais em 1998 com a proposição do atleta húngaro Tibor Balog²⁷. Tornando-se irreversível, quando a FIFA em maio de 2001:

[...] aceitou e a circulação dessa mão de obra especializada que é o futebolista acelerou-se em todo o mundo. As reivindicações da década de 1960, de Kopa na França, ou Afonsinho, no Brasil, tornavam-se realidade: o jogador profissional passa a estar ligado ao clube apenas por um contrato de trabalho de duração limitada. (FRANCO JR, 2007, p 120/1)

Esse foi o pontapé inicial para a imigração em massa de atletas sul americanos e africanos para as grandes ligas europeias²⁸. Existe de maneira velada, ou não uma relação entre colônia e metrópole²⁹ na práxis futebolística atual, não raro, encontrarmos jovens promessas nascidas em ex-colônias perfilando-se nas fileiras da antiga metrópole. Todavia essa mesma globalização bloqueia outros trabalhadores que encontram-se em situação semelhante

A não escalação de atletas nacionais é outro fenômeno que tem tornando-se recorrente, Arsenal, Internazionale de Milão, Chelsea, Manchester City são alguns casos de equipes sem atletas oriundos de Inglaterra e Itália respectivamente em suas fileiras iniciais. Outro caso interessante desse fenômeno é o do Shaktar Donetsk da Ucrânia que desde 2002 já contratou 23 jogadores brasileiros (atualmente doze fazem parte do elenco).

Seguindo essa tendência, um “nítido sintoma da internacionalização do futebol é o fato de 194 países dos cinco continentes, terem disputado vagas para a Copa na Alemanha em 2006.” (FRANCO JR, 2007, p 180).

Todavia, é interessante que voltemos um pouco no tempo para analisarmos o

²⁶ Este jogador belga não tinha aceitado renovar seu contrato com o RFC Liège por um valor quatro vezes menor que o compromisso anterior, e tentou deixar o clube, que se negou a negocia-lo com outra agremiação. Ele recorreu e a Corte da Justiça da Comunidade Europeia decidiu que, em nome da livre circulação de trabalhadores é ilegal tanto a indenização de transferência de jogadores (passe) quanto a limitação do número de estrangeiros que podem jogar por um clube (FRANCO JR, 2007, p 120).

²⁷ Reivindicou que a nova regra nascida do veredicto Bosman fosse aplicada mesmo aos países que não integram a Comunidade Europeia. (FRANCO JR, 2007, p 120)

²⁸ (...) as relações entre o centro e a periferia, sendo a Europa o centro futebolístico – historicamente, bem como em termos culturais e econômicos –, enquanto o Brasil e os países africanos constituem exportadores de talentos futebolísticos de alta mobilidade e os EUA, a Rússia e os países asiáticos podem ser entendidos como a periferia, mas também como novos mercados e potências econômicas que começam a condicionar a migração dos jogadores, tornando-se assim por vezes importantes recém-chegados ao campo (TIESLER & COELHO, 2006, p. 315).

²⁹ Na Europa, os clubes menores mantêm-se em competição com os gigantes em grande medida comprando jogadores baratos (por exemplo, iniciantes estrangeiros talentosos), na esperança de revendê-los como estrelas já descobertas aos superclubes. Jovens da Namíbia jogam na Bulgária; da Nigéria, em Luxemburgo e na Polônia; do Sudão, na Hungria; do Zimbábue, na Polônia etc (HOBSBAWM (b), 2007, p. 94).

cenário, pois antes de se massificar, o futebol ainda não era um megaevento, e,

Apesar de ter-se transformado em esporte das massas, o futebol ainda não podia ser assistido simultaneamente por milhões de pessoas, o espetáculo não era vendido por milhões de dólares, um time não podia ser negociado na Bolsa de Valores e dificilmente um jogador conseguia fazer fortuna jogando bola. Ou seja, antes que a televisão e o marketing esportivo transformassem o espetáculo de futebol num produto globalmente veiculado e consumido, antes que empresas fossem constituídas para gerir o negócio, a simples existência do regime profissional, a venda de ingressos e a negociação do «passe» dos jogadores não implicavam a existência de relações tipicamente capitalistas. (PRONI(b), 2000, pp. 41-42)

Existia uma relação de compadrio entre as equipes maiores e menores as equipes maiores compravam as revelações das equipes menores, essa relação era muito forte no Brasil em estados como São Paulo e Rio Grande do Sul, grandes craques saíram de equipes interioranas para fazerem sucesso nas agremiações das capitais.

Até a década de 1970, o caráter comercial do futebol profissional concentrava-se na sustentação do sistema federativo de clubes. A desigualdade de potencial mercantil entre times pequenos e grandes estabelecia uma relação de interdependência, na qual os primeiros revelavam jogadores para os segundos e, em troca, recebiam uma compensação financeira. O futebol não era um tipo de negócio, como o que temos na atualidade, isto porque não havia por parte dos clubes planejamento de marketing, assim como qualquer outro esforço estratégico para aumentar o tamanho da torcida. O aumento ou diminuição das receitas vinculava-se ao desempenho da equipe na temporada. O futebol era uma atividade sem fins lucrativos, e os clubes dependiam da colaboração dos “sócios” para se manter. Não havia a figura do capitalista empreendedor. (BARBOSA, 2008, p. 174)

Já nos anos de 1980, principalmente após a Copa de 1982, o futebol passou a ser um produto tipo exportação, campeonatos passaram a seguir uma lógica que os tornassem atraentes para os consumidores.

Mas, no decorrer dos anos 80, a lógica do “futebol-empresa” se espalhou e fez aumentar a mercantilização dos principais campeonatos europeus, que passaram a se estruturar em virtude da demanda por transmissões televisionadas e pelo surgimento de novas opções de marketing esportivo. A globalização da economia, aliada a um ambiente político favorável para a transposição das fronteiras nacionais, conduziu o futebol a uma permeabilização pela lógica de valorização do capital. (BARBOSA, 2008, p. 174/5)

Na década de 1990, temos, além da Lei Bosman, outro elemento que mudaria por completo o futebol como conhecíamos até então, temos as empresas

multinacionais que começaram a invadir de fato transmissões televisivas e também a sua incorporação de patrocínio nas camisetas, marcas como a Coca Cola, Kalunga, Suvinil, Aplub, Parmalat, Cofap, IBM, Cirio, Opel, Pirelli, gerando novas receitas às agremiações, sendo algo um tanto quanto controverso para os torcedores mais fanáticos. Eis que estes não foram pário quando as grandes empresas começaram a despejar montantes cada vez maiores de dinheiro para terem suas marcas estampadas nas mangas e na parte frontal das camisetas.

Mas não foram somente as equipes que passaram a receber montantes de dinheiro para divulgar marcas, os grandes eventos esportivos também renderam-se ao capital das grandes empresas, alguns estádios por exemplo adotaram placas publicitárias ao redor dos gramados e atrás das goleiras. Neste sentido,

A partir do final da década de 1970, com a crescente integração das economias, passamos a assistir a entrada maciça das grandes empresas como patrocinadoras de equipes e atletas. Os eventos esportivos tornaram-se locais de negócios e de movimentação econômica antes inimaginável. O objetivo é óbvio, isto é, aliar produtos e marcas à imagem do atleta. Esse tipo de vínculo tem-se mostrado eficiente, o que só vem comprovar o enorme poder de mobilização que os eventos esportivos têm hoje nas economias. De fato, o esporte passou a significar um local de afirmação de identidades de negócios (da indústria do entretenimento e do turismo, da mídia, de produtos esportivos etc.) e de possibilidade de mobilidade e ascensão social. (BARTHOLO & SOARES, 2008, p.58)

Isso acabou por gerar uma mercantilização do futebol³⁰, que deixou de ser apenas uma prática esportiva, para se tornar um mercado emergente capaz de movimentar grandes montantes de dinheiro com as transmissões, com os patrocinadores, com o naming rights de campeonatos (Ex: Copa Toyota Libertadores de América, Gauchão Coca Cola, Série A Tim), e de estádios (Allianz Arena, Emirates Stadium, Britannia Stadium, Signal Iduna Park), e com a venda de produtos licenciados.

Inserido na época da globalização, o futebol é um business e, como tal, passa a transcender a nação da qual faz parte. Prova disso é a intensa perda de importância que os campeonatos regionais vêm sofrendo, de tal forma que alguns já falam em extingui-los ou pelo menos reduzi-los em função da

³⁰ A espetacularização das práticas consideradas como de “alto rendimento” associou-se à difusão de um habitus esportivo, transformando milhões de pessoas em consumidores, ativos ou passivos, de produtos esportivos. Sem dúvida, estas grandes mudanças no campo esportivo são desdobramentos do crescimento do mercado transnacional, facilitado por eventos políticos que alteraram, de modo decisivo, as relações mundiais neste período. (...) embora a mercantilização seja coetânea do surgimento das práticas esportivas, a amplificação sem precedentes do mercado em torno do futebol levou à enorme valorização de sua mercadoria mais preciosa: o jogador habilidoso (GUEDES, 2009, pp. 468-469).

preferência que os torcedores têm mostrado pelos torneios nacionais pelo fato deles darem acesso aos torneios internacionais, considerados os mais importantes. Além disso, existem as propostas de unificação mundial do calendário futebolístico, visando à internacionalização deste esporte, bem como a crescente inserção de empresas multinacionais que ao controlarem os principais times do país, passam a ter poder ilimitado para negociar contratos de televisão e publicidade. (SANTOS, 2000, p. 66)

A televisão primeiramente, tem um papel fundamental nesse processo de expansão do futebol e principalmente de sua mercantilização, como vemos nas palavras de Hilário Franco Jr.

Entretanto, a melhor expressão da globalização econômica e esportiva do futebol a partir de fins do século XX talvez seja o papel da televisão. Quando a primeira partida de uma Copa do Mundo foi televisionada – Iugoslávia 1X0 França, no dia 16 de junho de 1954 – praticamente não tinha valor de mercado. Em 1978 os direitos televisivos correspondiam em valores atuais (2007), a somente 15 milhões de euros, em 1982, a 24 milhões. Desde então começou lenta escalada – 30 milhões em 1986, 60 milhões em 1990, 72 milhões em 1994, 84 milhões em 1998 e depois um salto: 853 milhões na Copa de 2002, 991 milhões na de 2006 (FRANCO JR, 2007, p 123/4).

Nessa esteira, percebemos, que ao longo das últimas décadas, o futebol passou a ser um elemento muito explorado pelo capitalismo, muito pelo seu poder de aglutinação de massas e principalmente por sua difusão em âmbito global:

O futebol, em tempos de capitalismo globalizado, adquiriu o caráter de um produto a ser comercializado mais do que um mecanismo de expressão de identidades culturais; o principal interesse do mercado é extrair do futebol o máximo de lucro possível (BARBOSA, 2008, p 185).

O lucro, elemento central do capitalismo é contemplando quando o futebol é um espetáculo vendido, em que uma gama de novos interesses permeiam as quatro linhas do jogo, a equipe de arbitragem e os 22 atletas que disputam o match³¹.

Mas, é claro que este cenário favorecia à algumas agremiações. Especificamente, aquelas que faziam parte do G14³², e tinham muito a lucrar com as

³¹ Le football est le stade ultime de la mondialisation. Il n'est pas aujourd'hui de phénomène plus global. Son empire ne connaît ni frontières, ni limites. Phénomène plus rare encore, c'est le seul empire qui soit populaire. Et c'est le seul par lequel les peuples enthousiastes réclament d'être conquis, se réjouissent de l'avoir été, luttent avec acharnement pour en être les meilleurs disciples. Il n'y a aucune surface habitée de la planète, si petite soit-elle, qui ait su, pu ou voulu résister à la conquête du football. Ce sport si typiquement britannique est devenu le sport mondial. (BONIFACE (B), 2006, p. 13)

³² Le G14 est un groupement d'intérêt économique (GIE) européen enregistré à Bruxelles. Il représente les vues des clubs réputés participer le plus à la qualité et au succès des compétitions européennes interclubs. Il est réputé fournir aux équipes nationales les joueurs les plus significatifs, il est la "1re organization internationale de clubs de football".11 (BONIFACE (b), 2006, p. 127)

novas regras do jogo, afinal a Lei Bosman liberava atletas que não queriam renovar seus vínculos com suas equipes, seduzidos por liras, marcos e afins dos grandes clubes europeus.

Um exemplo do poder desse grupo, composto por grandes clubes da Itália Alemanha, Inglaterra e Espanha (antes é claro da invasão dos petrodólares e dos sheiks árabes) vemos abaixo nas palavras de Hilário Franco Jr, quando ele descreve as pretensões desse grupo:

Em outro pólo estão as pretensões supranacionais, defendidas pelo grupo dos mais poderosos clubes europeus, o chamado G14. Este pressiona a UEFA por um campeonato europeu de clubes, que lhe seria mais rentável do que os tradicionais campeonatos nacionais. E pressiona a FIFA para não ser obrigado a ceder seus jogadores de variadas procedências às respectivas seleções. Sendo multinacionais que recrutam trabalhadores em vários países, têm partidas televisionadas para todo o mundo e vendem produtos com sua marca em todos os continentes, tais clubes propõem um futebol sem fronteiras. (FRANCO Jr., 2007, p. 95)

Essa concentração de poder econômico influenciou diretamente nos resultados das ligas nos primeiros anos pós lei Bosman, somente em 2004 o Porto de Portugal com um então técnico novato chamado José Mourinho e com um elenco repleto de atletas desconhecidos do grande público (Deco, Derley, Carlos Alberto, Nuno Valente) pode enfim quebrar a hegemonia dos clubes mais ricos na Copa dos Campeões da UEFA (pré Champions League), em uma final não menos folclórica com o Mônaco da França.

Outro aspecto, que também deve ser lembrado, é que as grandes ligas nacionais acabam ficando polarizadas em disputas de dois clubes (Alemanha: Bayern de Munique e Borussia Dortmund, Portugal: Porto e Benfica, Espanha Barcelona e Real Madrid – Atlético de Madrid na última temporada) quando muito três (normalmente na Inglaterra) e em raríssimas ocasiões por mais equipes.

Nesse sentido, alguns campeonatos perdem um pouco de seus atrativos econômicos, pois sem um clube que gere uma surpresa, que vire o queridinho da opinião pública, o time número dois das massas, não existe o fator novo que venda mais ingressos, camisetas, canecas chaveiros e demais souvenirs, vide os casos do São Caetano, Wigan, Parma, La Coruña e afins. A imprevisibilidade que foi sua força motriz de desenvolvimento e fonte da paixão dos torcedores está cada vez mais enfraquecida.

Essa polarização, acaba prejudicando bastante as equipes menores,

As novas regras tiraram de clubes pequenos sua principal fonte de receita, a venda de jogadores que eles revelam. Em 2005, o faturamento dos vinte maiores clubes europeus representou metade do faturamento total de todos os clubes dos cinco grandes países futebolísticos do continente (Alemanha, Espanha, França, Inglaterra e Itália). Como em outros domínios, também no futebol o liberalismo favorece a elite (clubes e jogadores) e abandona os demais à própria sorte. (FRANCO Jr., 2007, p. 121)

E, vemos que os atletas acabam por tornarem-se mercadorias³³ de um mercado em que quem tem mais dinheiro faz as suas escolhas sem levar em consideração muitas vezes as necessidades profissionais dos atletas – aqui entendidos como reles mercadorias – que, quando não dão mais lucros são dispensados ou caem no ostracismo. O atleta em tese pertencem as agremiações, mas as multas rescisórias baixas e o próprio poderio das equipes maiores transformam os em coisas:

Os futebolistas também fazem a transição de indivíduo à pessoa (...) Todavia, os futebolistas são sujeitos a uma segunda ordem de transição: de pessoa à coisa. Eles pertencem a um clube – e a uma comunidade de sentimento – pelo fato de possuírem vínculos sociais, dentre os quais destacam-se os afetivos que (...) são construídos, dramatizados e encenados. O que os prende a um clube não é, contudo, o pertencimento clubístico, único e imutável, como o dos torcedores, mas um contrato formal, juridicamente avalizado pela legislação trabalhista. Os futebolistas profissionais também são mercadorias com valor de compra e venda (DAMO, 2005, p. 339).

Então, Fiengo aprofunda essa relação e traz à tona mais alguns elementos que ajudam a explicar este fenômeno chamado difusão do futebol, para ele, a constituição dos estados-nação devem ser levados em conta:

A diferencia de otros fenómenos culturales de alcance global, como el rock por ejemplo, la difusión del fútbol ha estado hasta ahora estrechamente relacionada con otro fenómeno coetáneo: la difusión y exaltación de la forma moderna de comunidad política, esto es, la constitución de los estados-nación. Esta articulación se evidencia en la forma de organización que adquirió el fútbol: la FIFA, nacida en un período de auge del nacionalismo europeo (1904), fue concebida como una institución de carácter internacional, puesto que sus miembros son federaciones –y no estadosnacionales. La

³³ Em configurações sociais, culturais e históricas distintas, há variações em relação ao entendimento do status de determinadas classes de pessoas, de tal modo que alguns grupos humanos possam vir a ser tratados como mercadorias – como os diferentes grupos de escravos. A questão de fundo é, portanto, de saber como, em pleno século XXI, seja cultural, social e legalmente consentido que uma determinada classe de pessoas, os jogadores de futebol, sejam comprados e vendidos, quando, simultaneamente, proliferam-se os movimentos de direitos humanos denunciando o trabalho escravo, o tráfico de bebês, para não falar nas restrições em relação ao comércio de órgãos e sêmen. (DAMO (a), 2005, p. 343)

función más importante de este ente internacional ha sido, además de homogeneizar regular y promover la práctica del fútbol a lo largo y ancho del planeta, la de organizar competencias deportivas internacionales, entre las cuales los encuentros entre “representaciones nacionales” han tenido un papel central, al menos hasta ahora. Esas “selecciones nacionales” estaban, y aún están, conformadas exclusivamente por jugadores que tuvieran la nacionalidad respectiva. Es más, la FIFA niega hasta hoy el derecho de que un jugador pueda participar en momentos distintos en más de una selección, por más que hubiese cambiado de nacionalidad. (FIENGO, 2003, p 258)

O futebol, como estamos vendo, após sua profissionalização, é uma ferramenta muito utilizada pelo capital internacional para expandir sua área de influência. Tanto que estão surgindo produções acadêmicas para dar conta desse novo nicho de estudos³⁴.

Para Ribeiro

O destaque que o futebol vem obtendo no meio acadêmico nos últimos 20 anos, é a expressão desta globalização. As suas implicações culturais e políticas, na sociedade contemporânea, tornam-se grandiosas e se transformam em preocupações políticas por parte do estado e das instituições normatizadoras da sociedade. Ou seja, ao se transformar num espetáculo de massas, o futebol deixou de ser apenas de curiosos e apaixonados e se transformou em assunto político relevante e com interesse acadêmico como um tema sério. (RIBEIRO (b), 2007, p 11)

Alguns pesquisadores sugerem que o futebol poderia ser representado como subgênero da gol-balização e não da globalização. Uma metáfora interessante, pois associa a análise socioeconômica com a parte orgásmica do jogo: o Gol.

E com isso, percebemos que mesmo influente, a política vem sendo subjugada à era do globalismo mundial, e no futebol, isso levaria à ideia de um mundo desprendido do apego a nacionalidade ou nas palavras de Fiengo “o mundo do futebol”.

De esta forma, la política está perdiendo su capacidad para colonizar al fútbol y, como todo en la era neoliberal, cede su lugar al mercado globalizado. Como consecuencia, y pese a que pasará mucho tiempo antes de que los periodistas deportivos, jugadores, entrenadores, dirigentes, hinchas y

³⁴ Não é sem razão que o campo de problematização do futebol tenha crescido no mundo todo, nos últimos tempos. Como desconhecer que ele se tornou uma espécie de língua geral que coloca em contato as populações de todos os continentes; como encarar o fato de que essas populações não só o consomem, mas, diferentemente da relação passiva igualmente implicada nas relações consumistas, que substituíram as culturas locais, também o praticam; como avaliar o imbróglio da sua mercantilização massiva e os lampejos de sua profunda inserção nas experiências coletivas; como não ver que nele está cifrado o embate da economia com a cultura, e alguns dos nós cruciais do nosso tempo; como desvendar as suas enigmáticas e ambivalentes relações com a violência, que o jogo ao mesmo tempo aplaca e provoca; como chegou ele a tal ponto de saturação? (WISNIK, 2008, p 16/7)

detractores se liberen de una lógica clasificatoria concebida para tipificar a los seres humanos enfatizando su nacionalidad, parece ser que poco a poco ésta resultará irrelevante en el mundo del fútbol. (FIENGO, 2003, p 268)

Comentamos por alto a questão da identidade perante o estado nação, e vamos nos aprofundar no próximo capítulo, muito pelo seu caráter de unidade na diversidade. A gol-balização, assim entendida, é o fenômeno da dilaceração das barreiras socioeconômicas e culturais propostas pelo capital internacional, de maneira que o futebol é um dos carros chefes de difusão desse processo.

Ao longo da segunda parte deste capítulo, esclarecemos alguns elementos que permearam a sua consolidação como subproduto do capitalismo, mercantilizado e capaz de atrair cada vez mais olhares para si, como um megaevento.

Dito isso, vamos passar a discorrer na sequência, sobre os impactos dessa globalização no futebol enquanto prática esportiva e para a sociedade contemporânea. Ao passo que como vimos, até mesmo países sem tradição futebolística acabam inserindo-se nesse mundo de transmissões de campeonatos internacionais, de consolidação de marcas multinacionais e demais aspectos permitidos pela gol-balização.

4 OS IMPACTOS DA GLOBALIZAÇÃO NO FUTEBOL

Até o momento discorreremos sobre a inserção do futebol como fenômeno³⁵ da globalização e do capitalismo, apresentando também a metáfora da gol-balização. Ao longo do segundo capítulo deste trabalho, vamos trabalhar com alguns elementos que são frutos de todo o processo de globalização e acumulação capitalista pela qual o futebol contemporâneo esta submerso.

O capítulo busca dar conta de uma análise mercadológica do futebol, como uma mercadoria, um produto a ser comercializado por todo o globo, perpassando pela sua transformação em megaevento e pôr fim, a dilaceração das fronteiras em todas as suas nuances.

Afinal,

O futebol é uma instituição profundamente ligada à história do capitalismo contemporâneo. E como instituição capitalista, é uma criação imaginária visível. Logo não há como pensa-la fora deste contexto. Ele surge como um esporte moderno no processo de expansão capitalista no final do século XIX e se afirma no final do século XX como esporte definitivamente de massas e mundializado (RIBEIRO (b), 2007, p. 11).

Reforçando ainda a ideia de que os interesses³⁶ do capital acabam por eliminar barreiras, ao custo do aumento das desigualdades entre países desenvolvidos e países subdesenvolvidos, as potências espoliam tudo o que podem dessas nações.

No futebol vemos isso por exemplo nas transferências de atletas que saem por ninharias da América Latina e da África, estagiam em países de menor expressão futebolística para depois serem revendidos a valores astronômicos para as equipes mais tradicionais e ou mais ricas, casos por exemplo de Falcão Garcia, Hulk, Witsel, Pepe, Deco, James Rodrigues, Ronaldo Nazário, Luis Suarez, para ficar nos mais conhecidos e recentes. Equipes como Benfica, Porto, Sporting, PSV, Feyenoord são

³⁵ [...] as novas feições assumidas pelo futebol profissional, nos países desenvolvidos, estão associados – em última instância – com dois processos estruturais que vem alterando as relações sociais, políticas e culturais nesses países, à saber a globalização econômica e a liberalização da concorrência, processos indissociáveis que se manifestam claramente na revisão de normas que permitiam um controle público sobre o funcionamento dos mercados [...] (PRONI & ZAIA, 2007, p 19)

³⁶ Verifica-se a intensificação de assimetrias entre países que centralizam essa economia, que se financeiriza, e aqueles que, de modo precário, dela fazem parte, sendo que a América Latina e a África compõem preferencialmente esses grupos de países – lembrando que esta economia tem circuito mundial, mas seleciona espaços de mercado privilegiados o tempo todo –, portanto há uma crescente desigualdade, considerando a globalização e a integração produtiva, comercial e financeira. (DAMIANI, 2005, p. 72)

reconhecidas pelo olho clínico de seus olheiros que encontram diamantes a serem lapidados nas periferias mundiais.

Essa busca por lucros é que move o futebol, ou melhor, as pessoas ligadas a ele em direção aos interesses das potências capitalistas / futebolísticas, como veremos a seguir.

4.1 O FUTEBOL COMO MERCADORIA

Que o futebol é uma mercadoria fruto dos interesses capitalistas, isso já sabemos e que também não existe nenhum tipo de isenção ou neutralidade nesse processo também:

Nenhuma mercadoria é inocente. Ela é também signo, símbolo, significado. Carrega valor de uso, valor de troca e recado. Povo o imaginário da audiência, auditório, público, multidão. Diverte, distrai, irrita ilustra, ilude fascina. Carrega padrões e ideais, modos de ser, sentir e imaginar. Trabalha mentes e corações, formando opiniões, ideias e ilusões. (IANNI (b), 1992, p. 48-9)

Fatores externos do capital acarretaram na mercantilização do futebol³⁷, que deixou de ser apenas uma prática esportiva, para se tornar um mercado emergente capaz de movimentar grandes montantes de dinheiro com as transmissões, com os patrocinadores, como já citado anteriormente.

Atualmente, as ditas camisetas retrô tem movimentado as lojas e feito a cabeça dos torcedores, todavia não são os únicos produtos comercializados:

A virada financeira pós-moderna é refletida na mercantilização da “herança” cultural do futebol. Os torcedores hostis podem voltar à “autenticidade” do passado, mas ainda não podem evitar o consumo de uma simulação mercantilizada. As camisas de futebol “clássicas”, do período anterior à época em que os nomes dos patrocinadores foram estampados na frente, podem ser compradas pelo correio. Antigas partidas são recicladas em retrospectivas na TV por assinatura. Os museus do futebol introduzem as próximas gerações de torcedores na arquibancada no velho estilo, por meio de modelos simulados e interativos. (GIULIANOTTI, 2002, p.138).

³⁷ A espetacularização das práticas consideradas como de “alto rendimento” associou-se à difusão de um habitus esportivo, transformando milhões de pessoas em consumidores, ativos ou passivos, de produtos esportivos. Sem dúvida, estas grandes mudanças no campo esportivo são desdobramentos do crescimento do mercado transnacional, facilitado por eventos políticos que alteraram, de modo decisivo, as relações mundiais neste período. (...) embora a mercantilização seja coetânea do surgimento das práticas esportivas, a amplificação sem precedentes do mercado em torno do futebol levou à enorme valorização de sua mercadoria mais preciosa: o jogador habilidoso (GUEDES, 2009, pp. 468-469).

Como um genuíno fenômeno capitalista, a globalização abriu novos mercados ao futebol moderno. Não é raro vermos atletas dos mais diversos confins da terra jogando em grandes ou mesmo médias e pequenas equipes, principalmente na Europa. Jogadores como Rogger Milla (Camarões), Abedi Pelé Ayew (Gana), George Weah (Libéria), fizeram parte de uma primeira leva de africanos que fizeram sucesso em campos europeus. Esse fenômeno pode ser visto também na América Latina, com o embarque de centenas de atletas para a Europa, onde podemos destacar: Éder, Zico, Júnior Falcão, Maradona, Sócrates, Alemão, Careca, que fizeram sucesso no Calcio.

Zubieta vai além,

Nos últimos anos, o futebol converteu-se em algo inevitável. Não está somente nos estádios, mas invadiu todos os terrenos. É a estrela dos meios de comunicação, o centro das conversações cotidianas, a obsessão de alguns, a razão de viver de muitos e um autêntico pesadelo para os poucos que não entendem deste esporte [...] O futebol entrou sem chamar na nossa vida cotidiana. De um tempo para cá deixou de ser algo extraordinário dos domingos à tarde para converter-se no pão nosso de cada dia. (ZUBIETA, 2002, p. 93)

E, é por isso que existem tantos embates para compra de direitos de transmissão de campeonatos, de naming rights de estádios e arenas, patrocínios de camisetas e calções e, é claro, para o fornecimento de material esportivo para as equipes. Os volumes financeiros envolvidos extrapolam o bom senso, vide o último acordo do Manchester United da Inglaterra com a Adidas girado em torno de 750 milhões de libras esterlinas, cerca de 1,28 bilhão de dólares ou R\$ 2,8 bilhões

Essa virada também foi responsável por reafirmar a ideia de que os jogadores são mais que pés de obra, são também vitrines³⁸. Os acordos comerciais também receberam upgrade devido as transmissões televisivas. Por exemplo a Nike esperou para lançar uma chuteira tendo como garoto propaganda o prodígio de 17 anos Alexandre Pato comprado pelo Milan em 2007 (mas que por causa da legislação

³⁸ A base de vendas e o poder financeiro da Nike, por exemplo, cresceram rapidamente por meio da assinatura de contratos com as personalidades americanas de esportes, principalmente Michael Jordan, Tiger Woods e Pete Sampras. [...] Mas a mercantilização do corpo ganhou maior dimensão quando a Nike entrou no mundo do futebol. [...] Inevitavelmente, esteve no centro das especulações quando assinou um contrato com Ronaldo, do Brasil, em 1996, considerado o seu patrimônio no futebol. [...] Quando Ronaldo assinou contrato com a Inter de Milão, que tinha a Nike como patrocinadora, o time italiano vendeu 35 mil camisetas com a estampa de Ronaldo em dez dias. (Giuliantti, 2002, p. 120)

estreou alguns meses depois de ser contratado), e que debutou nos gramados italianos contra o Napoli no Calcio. Foi uma grande jogada de marketing afinal grande parte do universo futebolístico se mobilizou para assistir a esse jogo, no Brasil ele foi transmitido pelo canal Esporte Interativo.

Ainda no que tange a questão da televisão,

A transformação do futebol num produto, numa questão de business, portanto, ratifica sua dissociação com domínios mais totalizantes, e o mergulha num meio em que passa a fazer parte de uma miríade de produtos de entretenimento (e de consumo) no meio de tantos outros (com a difusão das redes de televisão, o aumento da produção de mídia) disponíveis no mercado. No entanto, grande parte dos agentes do mundo do futebol crê que essa transformação será capaz justamente de reconduzir o futebol a seu posto de esporte nacional. (HELAL, 2001, p. 17)

Wisnik corrobora,

Em suma, o marketing esportivo pesado, a vedetização do craque da vez – sem precedentes, sem limites e sem fronteiras –, a TV a cabo e o pay-per-view florescentes, a inclusão das mais remotas nações no mesmo jogo globalizante, a megaempresa capitalista associada aos expedientes do favorecimento oportunista e “amador” dos cartolas, ou em disputa com ele, unificam litigiosamente o universo futebolístico expandido num tabuleiro no qual são repuxados interesses e poderes de grande magnitude. (WISNIK, 2008, p. 356)

Neste contexto, temos algumas considerações à fazer. Primeiramente, as transformações pelas quais os torcedores passaram ao longo das últimas décadas, desde a inclusão dos patrocínios másters das camisetas, a crescente produção de souvenirs dos clubes, e principalmente o modo como se comportam nos estádios, por exemplo a extinção da Coréia³⁹ no antigo estádio Beira Rio, a grande diminuição da oferta de ingressos baratos, os torcedores icônicos foram sendo gradativamente substituídos por espectadores.

³⁹ [...] a “Coréia” se diferencia muito fisicamente das outras arquibancadas. Em formato de anel ela circunda todo o campo de jogo. Localizada abaixo das arquibancadas inferiores, em um patamar bem mais baixo, é a arquibancada mais próxima do gramado, ficando os torcedores a uma distância de menos de dez metros do campo.

Como os próprios torcedores afirmam: a “Coréia” é um valo, um fosso, uma trincheira de guerra. Da “Coréia” se tem uma visão muito ruim do gramado. Placas de publicidade, casamatas, seguranças e repórteres são barreiras que atrapalham e/ou impedem a visão dos torcedores “coreanos”.

Mas existem alguns poucos pontos específicos em que se obtém uma melhor visão do jogo. Por estar situada abaixo do nível do gramado os torcedores têm que assistir os jogos de futebol em pé. As pessoas de baixa estatura têm que se acomodar em locais onde nenhum outro torcedor fique na frente, ou sentar no murinho que separa a “Coréia” do fosso, mas nesse caso ele acaba prejudicando a visão dos demais torcedores. (TEMPASS, 2003, p 37)

As torcidas voluptuosas foram perdendo espaço para torcedores / espectadores mais “conservadores”, que assistem aos jogos como se estivessem assistindo ópera ou peças de teatro, a emoção em torcer vai sendo repelida para pequenos espaços dos estádios, geralmente nas gerais.

Com o aumento dos preços dos ingressos, assistir aos jogos em casa ou em bares tornou-se muito mais viável, pois estar rodeado de seus pares resgata um pouco da irreverência do torcer pelo time do coração, mesmo que ele já não seja o mesmo de outrora.

O futebol, enquanto produto de marcas, patrocinadores, televisões, é um mercado muito explorado pelo capital internacional como já vimos. Essa mercantilização gera também outro elemento fundamental para entendermos os impactos da gol-balização, elemento que vamos discorrer na sequência: a ideia da espetacularização do esporte, de maneira que vários outros elementos vão se inserindo nessa teia.

4.2 O ESPETÁCULO FUTEBOLÍSTICO

Continuando nossa tríade de impactos da globalização no futebol contemporâneo entramos em um outro cenário muito importante, o jogo entendido como espetáculo.

Para ilustrarmos esse salto do futebol, podemos utilizar uma entrevista do então presidente da FIFA, João Havelange, veiculada no site da Copa do Mundo da Alemanha em 4 de dezembro de 2003:

Quando eu cheguei no escritório da Fifa em Zurique, encontrei uma casa velha e 20 dólares no caixa. No dia em que fui embora, 24 anos depois, deixei propriedade e contratos no valor de mais de 4 bilhões de dólares. Entre 1974 e 1998, eu visitei cada país-membro pelo menos três vezes, e a Fifa tinha algo em torno de 186 países filiados. Acho que o único que eu não conseguir ver foi o Afeganistão, porque eu não conseguia entrar lá. Apesar disso, eu estimo que tenha viajado cerca de 26 mil horas de voo, o equivalente a passar três anos no ar. (FÁVERO, 2010, p 27)

O reinado de João Havelange a frente do órgão supremo do futebol foi o responsável por transformar o esporte na máquina de gerar lucros que é atualmente. Nas palavras de Galeano,

Desde então, Havelange exerce o poder absoluto sobre o futebol mundial. Com o corpo grudado no trono, rodeado por uma corte de vorazes tecnocratas, Havelange reina em seu palácio de Zurique. Governa mais países que as Nações Unidas, viaja mais que o Papa, e tem mais condecorações que qualquer herói de guerra. (...) Este idoso monarca mudou a geografia do futebol e transformou-o num dos mais esplêndidos negócios multinacionais. Em seu mandato, dobrou a quantidade de países nos campeonatos mundiais: eram dezesseis em 1974, serão trinta e dois em 1998. (GALEANO, 2002, p. 166-167)

O futebol enquanto prática esportiva que aglutina massas, foi criando elementos capazes de converter-se *“em instrumento e método de comunicação, contribuindo para formar uma opinião pública mundial, mediante a universalização do espetáculo.”* (PRONI (d), 2002, p 52). Neste sentido, ainda nas palavras de Proni, *“Ele é o equivalente moderno das grandes representações populares da Antiguidade, e torna-se tema central dos meios de comunicação de massa.”*

Neste contexto, o futebol é dotado de um sistema simbólico⁴⁰ denso o suficiente para produzir e fazer aflorar emoções, e essas emoções movem (moviam) o espetáculo, fortalecendo a relação de pertencimento, de identidade de grupo (debateremos esse aspecto no próximo item). DAMO (2008), dedica-se a trabalhar com isso,

Os jogos são ocasiões especiais para dramatizar o pertencimento, manifestando-o publicamente. Quanto mais intensa for a identificação do indivíduo com o clube, mais vulnerável ele será às oscilações da equipe. Dentre todas as derrotas possíveis, a pior é aquela imposta pelo clube rival, cada clube tendo um ou mais rivais preferenciais. As rivalidades são essenciais à dinâmica das emoções, e tendem a ser mais antigas e estruturadas lá onde os clubes envolvidos conseguiram mobilizar, para o espectro do clubismo, as categorias sociais tidas como conflituosas no espectro mais amplo da sociedade - na Irlanda são categorias religiosas, no Brasil são, sobretudo, de raça, classe social e região. Daí porque alguns espetáculos são mais interessantes do que outros, independente das performances. Nada mais equívoco, portanto, do que pensar nos estádios como espaços nos quais são manifestas as pulsões da irracionalidade – “o instinto animal que habita o homem”, como supõe as mais frágeis suposições psychologizantes. Estádios são locais onde se pode observar emoções intensas, mas os cânticos, xingamentos, afetos, risos e lágrimas que se pode notar nas arquibancadas têm um sentido. Ou melhor: são manifestações prenhes de significado, que dizem respeito às idiossincrasias do sujeito que as enuncia e também sobre as formas específicas de sensibilidade forjadas no espectro do futebol de espetáculo (Damo (c), 2008, p. 148/9)

⁴⁰ Futebol é uma das esferas sociais em que a interação dinâmica das esferas locais e globais pode ser observada par excellence. As culturas de torcida de clubes particulares compartilham entre si elementos ritualísticos, mas, ao mesmo tempo, cada cultura exhibe formas distintas de rituais formais prescritos e de simbolismo (SPAALJ, 2006, p. 3).

DEBORD (1997), nos traz o conceito de espetáculo fora do âmbito futebolístico, que reforça o papel do espetáculo para os grupos sociais,

O espetáculo é o momento em que a mercadoria ocupou totalmente a vida social. Não apenas a relação com a mercadoria é visível, mas não se consegue ver nada além dela: o mundo que se vê é o seu mundo. A produção econômica moderna espalha, extensa e intensivamente, sua ditadura. Nos lugares menos industrializados, seu reino já está presente em algumas mercadorias célebres e sob a forma de dominação imperialista pelas zonas que lideram o desenvolvimento da produtividade. Nessas zonas avançadas, o espaço social é invadido pela superposição contínua de camadas geológicas de mercadorias. (Debord, 1997, p. 30)

Ainda em suas palavras,

A sociedade portadora do espetáculo não domina as regiões subdesenvolvidas apenas pela hegemonia econômica. Domina-as como sociedade do espetáculo. Nos lugares onde a base material ainda está ausente, em cada continente, a sociedade moderna já invadiu espetacularmente a superfície social. Ela define o programa de uma classe dirigente e preside sua formação. Assim como ela apresenta os pseudo bens a desejar, também oferece aos revolucionários locais os falsos modelos de revolução. O espetáculo específico do poder burocrático, que comanda alguns países industriais, faz parte do espetáculo total, como sua pseudo negação geral, e seu sustentáculo. Visto em suas diversas localizações, o espetáculo mostra com clareza especializações totalitárias do discurso e da administração sociais, mas estas acabam se fundindo, no nível do funcionamento global do sistema, em uma divisão mundial das tarefas espetaculares (DEBORD, 1997, p. 38/9).

Enquanto espetáculo, o futebol reforça seu caráter de prática social universal com objetivo de atrair para si os mais diversos atores sociais que identifiquem-se com o mundo do futebol, que, muitas vezes acabam por comprar produtos para demonstrar ou reafirmar sua paixão, deixando aflorar suas emoções que normalmente ficam subjugadas no dia a dia.

As múltiplas transformações da sociedade contemporânea ajudam a entender esse caráter de espetáculo do futebol, pela possibilidade de transformar-se em um grande negócio, vende-se um sonho, vende-se um produto. Essa espetacularização foi uma das formas encontradas para que os tentáculos do capitalismo tomasse conta dos interesses do esporte bretão.

O futebol assumiu-se enquanto esporte de massas na primeira metade do século XX, mas a partir da década de 1980, passou a ser um espetáculo repleto de câmeras, espalhando-se pelo mundo todo graças a televisão e agora à internet. E com isso, os torcedores apaixonados e humildes de outrora, estão sendo substituídos por

uma classe mais abastada, como já vimos.

Saindo do viés econômico, vamos adentrar nos impactos da globalização no futebol enquanto arena de construção de identidades clubísticas e nacionais.

4.3 FUTEBOL EM PERSPECTIVA IDENTITÁRIA

Além dos impactos econômicos a globalização traz mais alguns elementos ao nosso campo de análise, a questão cultural e a questão da difusão das informações. Fiengo apresenta um conceito de globalização cultural e o liga ao futebol ao ponto que o considera um cenário privilegiado para que este processo obtenha sucesso, e cresça, conforme segue:

(...) os processos de globalização cultural em curso não podem deixar de mencionar o futebol como um de seus cenários privilegiados. As partidas de futebol na era pós-moderna seriam fenômenos exclusivamente televisivos, ou seja, eventos reais que somente podem ser experimentados por meio das telas (FIENGO, 2003, p. 257).

Com relação ao acesso à informações acaba por fazer circular informações técnicas e táticas que outrora ficariam à mercê apenas de alguns,

A globalização da informação e do conhecimento no futebol pode obscurecer as origens de estilos particulares de jogo, ao mesmo tempo permitindo a sua circulação. Todavia, lugares e sociedades diferentes geram percepções diversas dos estilos, táticas e estéticas do futebol. A globalização permite que clubes, nações e continentes tenham a experiência dessa dimensão exótica do futebol, ou seja, o encontro com as abordagens e filosofias do outro (GIULIANOTTI, 2002, p. 179).

Um outro aspecto que podemos ressaltar, é que devido a essa troca de informações, encurtamento e ou extinção de fronteiras, o amor à camisa vai desaparecendo, caindo por terra. Os futebolistas são profissionais como quaisquer outros, e se são profissionais como quaisquer outros, o amor à camisa precisa ser relativizado e substituído por comprometimento. Percebemos isso na mídia, que quase diariamente apresenta informações de atletas que naturalizam-se para jogar por outro país, tendo em vista que não teriam oportunidades em sua pátria mãe, ou porque o dinheiro oferecido, seria capaz de seduzir até aqueles atletas dotados de um afã nacionalista exaltado.

Não se tratava apenas da maneira como a Internet e os satélites haviam tornado o mundo do futebol tão menor e tão mais acessível. Era possível ver a globalização em ação: nos anos 1990, times bascos, orientados por técnicos galeses, abasteciam-se de jogadores da Holanda e da Turquia; equipes da Moldávia importavam nigerianos. Subitamente parecia que, para onde se olhasse, fronteiras e identidades nacionais tinham sido varridas para a lata de lixo da história. Os melhores clubes agora competiam entre si quase semanalmente em torneios como a Liga dos Campeões Europeus ou a Copa Libertadores da América (FOER, 2005, p. 8).

No trecho em que Foer fala: “Subitamente parecia que, para onde se olhasse, fronteiras e identidades nacionais tinham sido varridas para a lata de lixo da história.” vemos explicitamente a globalização em ação, pois como na economia, ela rompeu com fronteiras que eram praticamente intransponíveis, sejam por fatores políticos, religiosos ou étnicos, tudo em prol de vitórias e de mais dinheiro na conta dos responsáveis pelo espetáculo futebolístico.

Alguns dos países que empilham atletas naturalizados tem muita tradição futebolística como Portugal, Alemanha e França, outros nem tanto como Guiné Equatorial que chegou a colocar em campo um time quase todo composto por estrangeiros naturalizados, na sua maioria brasileiros.

O número de atletas naturalizados “no primeiro mundial realizado em dois países (Japão e Coreia do Sul), em 2002, havia 31 jogadores naturalizados distribuídos em 13 seleções.” [...]. Em 2006, na Alemanha, “dos 736 atletas inscritos, havia 67 naturalizados para atuar por outro país, inscritos em 25 seleções diferentes” (FREITAS, et al., 2012, p. 464).

Na África do Sul em 2010, “26 (seleções) contavam com jogadores naturalizados. Esses atletas somaram pouco mais de 10% do número total de jogadores, já que, entre 736 convocados, 75 preferiram defender uma seleção diferente do país onde nasceram”. (FREITAS et al., 2012, p. 465)

Dos 106 pré convocados para a Copa do Mundo no Brasil em 2014, “85 jogadores não nasceram no país que representam, caso dos brasileiros Diego Costa (Espanha), Eduardo da Silva (Croácia), Pepe (Portugal), Sammir (Croácia) e Thiago Motta (Itália).” (Sistema MPA, 20, jun. 2014)

Esse fenômeno,

O actual state of the art aponta até para a sua ambivalência. A qualidade do “enraizamento cultural” e o impacto do “localismo” mudaram indubitavelmente – devido à migração de jogadores famosos para clubes estrangeiros de renome, bem como à oportunidade de consumo de determinados jogos de futebol, agora transmitidos a uma escala global: uma oportunidade para

acompanhar a carreira internacional de “heróis locais”, bem como para seguir a (antiga) equipa “local” ou “nacional” quando se vive noutra país como imigrante. (TIESLER & COELHO, 2006, p. 333)

Com isso, entramos num aspecto delicado desse cenário futebolístico globalizado, questões identitárias que o futebol desperta. Temos de um lado grupos lutando por reconhecimento e independência, a Catalunha da Espanha, Kosovo da Sérvia (estes dois podem disputar amistosos anuais) e o próprio reconhecimento do Estado Palestino. Voltando um pouco no tempo, temos outros casos como o do Estrela Vermelha⁴¹, a rivalidade entre católicos e protestantes na Escócia, o do País Basco na Espanha, do Tirol do Sul na Itália, e tantos outros na Europa.

No caso catalão, o futebol foi a escapatória para a sua identidade não desaparecer durante o regime franquista na Espanha, tendo em vista que *“apenas no Nou Camp (sic) a Catalunha ainda existia, e o único símbolo catalão que Franco nunca ousou tocar foi o Barça”* (KUPER, 2006, p 104)

Um outro aspecto que podemos ressaltar como impacto da globalização, é o fato da xenofobia crescer de maneira exponencial principalmente nos países europeus:

A Europa também mudou por causa da globalização. Destacadamente, o continente foi inundado por imigrantes. Antes da guerra, judeus e ciganos eram outsiders que carregavam o fardo do desprezo da cultura europeia pela alteridade. A chegada de senegaleses, paquistaneses e chineses não dotou o nacionalismo europeu de uma ideia significativamente mais multiétnica de Estado. Mas difundiu o ódio, de modo que ele não se fixa num único grupo digno de eliminação. Pode-se ver isso com muita clareza no estádio de futebol. O antissemitismo cru é uma anomalia. A maior parte do ódio presente no futebol agora se concentra nos negros sob a forma de ruídos simiescos e ofensas racistas que emanam de multidões e de atletas (FOER, 2005, p. 79).

HOBSBAWN (2007) também comenta isso:

A força real da xenofobia é percebida no fato de que a ideologia do capitalismo globalizado dos mercados livres, que se implantou nos principais governos nacionais e instituições internacionais, fracassou redondamente no estabelecimento da livre movimentação internacional da força de trabalho, ao contrário do que ocorreu com o capital e o comércio. (...) A dialética das

⁴¹ Para os nacionalistas sérvios o exército representava os inimigos de sua causa. A ideologia do exército comunista rejeitava qualquer noção de uma identidade sérvia separada como anátema à solidariedade dos trabalhadores e harmonia étnica. Os guerrilheiros de Tito, que dão nome ao clube do exército, haviam assassinado, encarcerado e espancado os Chetniks, exército de nacionalistas sérvios (considerado por alguns como fascistas), que também combateram os nazistas. O exército havia suprimido a Igreja Ortodoxa na Sérvia. Com oponentes tão odiosos, o Estrela Vermelha se tornou um lar para os sérvios com aspirações de recuperar sua nação (FOER, 2004, p. 19)

relações entre a globalização, a identidade nacional e a xenofobia é enfaticamente demonstrada pela atividade pública que combina esses três elementos: o futebol. Graças à televisão global, esse esporte universalmente popular transformou-se em um complexo industrial capitalista de categoria mundial (embora de tamanho modesto, em comparação com outras atividades de negócios globais). (HOBSBAWM (b), 2007, p. 91-92)

As Copas do Mundo também tem um papel importante na afirmação da identidade nacional, vide os casos de romenos e búlgaros em 1994, franceses em 1998, alemães pós 1990, e argentinos pós guerra das Malvinas, croatas em 1998. Nessa lógica, outro fator que não podemos deixar de mencionar ou melhor separar: nação e estado, tendo em vista que o Estado nem sempre é uma nação e vice e versa.

Nesse sentido, o futebol acaba sendo um ensaio geral para demonstrar a identidade de grupos sociais, sendo os casos Catalão e Kosovar os mais emblemáticos na nossa opinião tendo em vista que o primeiro está vinculado administrativamente a Espanha, mas seu povo não se sente espanhol, possuem uma língua própria e um fervor separatista que é visto em todos os jogos do Barcelona no Camp Nou. Já o segundo, é administrado pela ONU, e sua província mesmo tendo parlamento próprio, sua independência não é reconhecida, tanto que apenas no ano de 2014 a nação pode começar a disputar amistosos enquanto estado.

A arena futebolística traz no seu bojo a liberdade de manifestações identitárias que muitas vezes não podem ser feitas livremente por medo de represálias. O futebol globalizado e multicultural pode levar a todos os cantos do globo as lutas sociopolítica dos grupos sociais reprimidos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estamos inseridos em uma sociedade consumista, norteadora pela luta homérica pelo poder e pelas riquezas, e falta de convergência política devido a sobreposição de interesses, mesmo com o crescimento econômico, a interdependência cultural é evidente.

As grandes desigualdades afetam o mosaico de relações estabelecidas com as preocupações comuns e divergentes dos Estados (a lógica do desenvolvimento desigual e combinado), de maneira que não se vislumbra no horizonte qualquer indicio da formação de uma convergência política para superar esse conflito de interesses das nações e do capital.

Tendo em vista que mesmo existindo as Nações Unidas (ONU), essa globalização econômica não é acompanhada por uma integração política, nem muito menos por políticas internacionais de redução das desigualdades de riqueza e poder.

Neste sentido, o futebol e seu alcance global, aliada à sua magnética de atração, torna-se a ferramenta ideal para atingir até mesmo os locais mais distantes, o tornando um fenômeno de escala regional, nacional e mundial.

Com isso, buscamos estabelecer algumas relações capazes de facilitar a compreensão do cenário que encontramos e com isso aprofundar os nossos estudos, ao ponto de confirmar ou refutar as hipóteses propostas de que o capital passou a ser um fator decisivo para a organização do futebol contemporâneo, de que a aquisição de atletas em mercados periféricos é atrativo, se pensando numa possível valorização e revenda.

Ao estabelecermos como tema central buscar apresentar os impactos da globalização no futebol contemporâneo, tornou-se necessário que primeiramente buscássemos conceitos de globalização, e tendo em vista que ele não é único, optamos por apresentá-lo a partir da ótica de várias correntes para enfim chegarmos em um ponto médio, o da globalização entendido como uma faceta do capitalismo e do capital internacional, que rompe com barreiras físicas e ideológicas de Estados e Nações, com o intuito de atingir um nível de desenvolvimento e inserção que coloque esse capital acima de todos os processos de formação e reconstrução de identidade.

Um fenômeno de escala mundial que se torna protagonista das relações sociais e políticas desenvolvidas entre os Estados e as nações de maneira que os interesses do capital se sobreponham a todo e qualquer interesse difuso destes grupos.

Vimos, que vários fatores contribuíram para que o futebol se tornasse um esporte global e uma ferramenta de difusão dos ideais do capital internacional. O futebol ao se profissionalizar, acabou por dividir-se em duas frentes, o esporte das massas e o esporte que se tornou burguês, de um lado temos o povo que o associou a uma prática de interação social onde todas as suas emoções podem aflorar, e de outro, um grupo privilegiado pela espetacularização do esporte e seu novo status. Ambos são consumidores de futebol, em maior ou menor escala de gastos.

Com o cenário posto, e a globalização contextualizada, pudemos partir para os impactos que ela imputou dividindo-os em três eixos centrais, o mercado, o espetáculo e as identidades. No primeiro, buscamos relacionar o futebol e o mercado econômico que ele se tornou, perpassando pela invasão das marcas, do crescente valor das transferências dos atletas.

As grandes somas financeiras que o futebol vem movimentando, cada vez mais o consolida como uma das principais atividades de entretenimento e lazer. Em todo o mundo, multidões se aglomeram para consumir produtos e serviços disponíveis oferecidos pelas empresas que estão inseridas nesse lucrativo mercado.

Seguindo, passamos a tratar dos impactos através de sua espetacularização, em que abordamos o papel determinante da televisão nesse jogo, da alteração da mentalidade do órgão maior do futebol acerca de suas novas necessidades principalmente no mandato do brasileiro João Havelange. E a espetacularização acabou ocorrendo necessariamente pela mercantilização afinal, um mercado atraente precisa de um produto que faça jus ao seu investimento.

O espetáculo futebolístico acabou por reafirmar as diferenças sociais dos torcedores, desde a aquisição dos souvenirs até na sua localização nas novas arenas, os torcedores da antiga Coréia do Gigante da Beira Rio que o digam.

E, por fim analisamos as questões identitárias que ficaram mais em voga coma mundialização do futebol, rivalidades históricas são vingadas dentro de um campo de futebol, onde onze gladiadores lutam pela defesa da honra da nação. Vimos isso nos casos da Catalunha e de Kosovo. Tanto as identidades coletivas quanto as individuais são livremente manifestadas nas arquibancadas dos estádios, é onde todos os males da vida são exorcizados, a cada gol, um problema é sublimado pela euforia coletiva.

Os três eixos que buscamos trabalhar interagem por si e entre si, o que facilita a compreensão dos impactos da globalização no futebol como um todo. Podemos afirmar que eles são interdependentes, de maneira que para ser um mercado atraente,

precisou tornar-se um espetáculo de classe mundial, e com isso os esquecidos puderam ser vistos e ouvidos a partir das arquibancadas dos estádios. Sem essa mundialização isso seria impossível.

O futebol nada mais é do que um negócio, um negócio extremamente rentável, pois,

Ao sul do mundo, este é o itinerário do jogador com boas pernas e boa sorte: de seu povoado passa para uma cidade do interior; da cidade do interior passa a um time pequeno da capital do país; na capital, o time pequeno não tem outra solução senão vendê-lo a um time grande; o time grande, asfixiado pelas dívidas, vende-o a um outro time maior de um país maior; e finalmente o jogador coroa sua carreira na Europa. Nesta corrente, os clubes, os donos do passe e os intermediários ficam com a parte do leão. E cada elo confirma e perpetua a desigualdade entre as partes, do desamparo dos times de bairro nos países pobres até a onipotência das sociedades anônimas que administram na Europa o negócio do futebol em nível mais alto (GALEANO, 2002, p. 239).

Percebemos que o futebol vai muito além das quatro linhas, e que contradições sociais do capitalismo podem ser estudadas a partir da práxis que ele está submetido, principalmente após sua inserção enquanto ferramenta de difusão da globalização do capital.

Neste sentido, podemos então afirmar que existem cinco elementos / consequências deste processo de globalização, a migração internacional, a fluxo do capital de maneira global, a natureza sincretista das tradições e da modernidade na cultura hodierna, o tempo e o espaço e sua nova forma de experimentação e por fim, a revolução pelas quais a tecnologia da informação vem passando.

Transformar o futebol em objeto de estudo é bastante complexo por ele ser um elemento passional, e por ainda não ser um elemento consolidado na cultura acadêmica, de maneira, em que precisamos nos despir por exemplo do nosso status quo de torcedor, porque senão tenderíamos a reforçar o senso comum e algumas ideias que ainda são arraigadas na mentalidade do torcedor comum, como por exemplo, a ideia de amor à camiseta.

Trazer um olhar acadêmico para o esporte bretão, é tirá-lo do ostracismo e da máxima de que futebol e religião não se discutem. Como percebemos podemos discutir sim, e fortalecer seu caráter de prática social, de ferramenta capaz de se compreender a sociedade contemporânea. Ao longo dos quinze meses, mudamos o foco de nosso olhar sobre o futebol, passamos a buscar elementos que fugissem dos triviais.

Nossa busca por estabelecer relações com o mercado econômico, com a sociedade do espetáculo e com a identidade obteve sucesso, pois o futebol enquanto esporte verdadeiramente planetário, não pode mais ser considerado uma prática esportiva em que vinte e dois atletas correm atrás de uma bola afim de chutá-la em um retângulo de metal de 2,44 m de altura, por 7,32 de largura. Ele é uma ferramenta capaz de explicar as relações do capital com a sociedade.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Fátima Martin R.F. O futebol nas fábricas. Revista USP. Dossiê Futebol, nº 22. Jun./Ago. 1994.

ASSUMPÇÃO, Luís Otávio Teles et al. Temas e questões fundamentais na Sociologia do esporte. Revista Brasileira de Ciência e Movimento, v. 18, n. 2, p. 92-99, 2011.

BARBOSA, Attila Magno E. Silva. O futebol e a sociedade global: uma reavaliação da identidade sociocultural brasileira. Sociedade e Cultura, v. 10, n. 2, 2008.

BARTHOLO, Tiago Lisboa; **SOARES**, Antonio Jorge Gonçalves. Identidade, Negócio e Esporte no Mundo Globalizado: O Conflito entre Guga e os Patrocinadores na Olimpíada de Sydney. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 28, n. 1, 2008.

BELLUZZO, Luis Gonzaga. Globalização, Estado e capital financeiro. In: **CARRION**, Raul KM; **VIZENTINI**, Paulo Gilberto Fagundes. Globalização, Neoliberalismo, privatizações: quem decide este jogo?. Editora da Universidade, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1997.

BERTO, André R. Barreiras ao comércio internacional. In: Convibra-Congresso Virtual Brasileiro de Administração. 2004. Disponível em: <<http://www.convibra.com.br/2004/pdf/65.pdf>>, acesso em: 16, out. 2014.

BONIFACE, Pascal. (a) La terre est ronde comme un ballon – géopolitique du football. Paris: Éditions du Seuil, 2002.

_____. (b) Football et mondialisation. Paris: Armand Colin, 2006.

BOURET, Daniela.; **REMEDEI**, Gustavo. El nacimiento de la sociedad de masas (1910-1930). Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2009.

CHAGAS, Livia dos Santos. Brasil, modelo 70: Futebol e política na Revista Veja em 1970. Disponível em <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/7o-encontro-2009-1/Brasil-%20modelo%2070.pdf>>, acesso em 15, out.2014

CHOMSKY Noam. (a) Profit over people: neoliberalism and global order. Seven Stories Press, Nova York, 1999.

_____. (b) Entrevista Programa Memória Roda Viva. São Paulo, 09, dez. 1996. entrevista concedida a: Alberto Dines, Breno Altman, Daniel Pizza, Emir Sader, Ibsen Costa Manso, Ibsen Spartacus, Matinas Suzuki e Sérgio Augusto. Disponível em: <http://www.rodaviva.fapesp.br/materia_busca/285/%C1frica/entrevistados/noam_chomsky_1996.htm>, acesso em: 16, out. 2014.

COELHO, Frederico Oliveira. Futebol e produção cultural no Brasil: a construção de um espaço popular. In: **SILVA**, Francisco Carlos Teixeira da; **SANTOS**, Ricardo Pinto dos (orgs.). Memória Social dos Esportes – Futebol e Política: a construção de uma identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad Editora / FAPERJ, 2006.

FREITAS, Gustavo da Silva; **RIGO**, Luiz Carlos; **DA SILVA**, Daniel Vidinha. Considerações sobre a migração, a naturalização e a dupla cidadania de jogadores de futebol-[doi: 10.4025/reveducfis.v23i3.15381](https://doi.org/10.4025/reveducfis.v23i3.15381). Revista da Educação Física/UEM, v. 23, n. 3, p. 457-468, 2012.

DAMIANI, Amélia Luisa. A Geografia que Desejamos. Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, Seção São Paulo – Associação dos Geógrafos Brasileiros, nº 83, dezembro de 2005.

DAMO, Arlei Sander. (a) Do Dom à Profissão. Uma Etnografia do Futebol de Espetáculo a Partir da Formação de Jogadores no Brasil e na França. 2005. 435 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2005.

_____. (b) Futebol e estética. São Paulo em Perspectiva, v. 15, n. 3, p. 82-91, 2001.

_____. (c) Dom, amor e dinheiro no futebol de espetáculo. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 23, n. 66, p. 139-150, 2008.

DAÓLIO, Jocimar. Cultura: Educação física e futebol. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1997.

DAOU, Marcos. Das práticas de esporte com bola à configuração do futebol na sociedade contemporânea. 2007.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. A via platina de introdução do futebol no Rio Grande do Sul. Trabajo, 2000.

DEBORD, Guy. Sociedade do Espetáculo. Comentários Sobre a Sociedade do Espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DEBRUN, Michel. Futebol, Paixão e Participação. In: A Conciliação e Outras Estratégias. São Paulo, Brasiliense, 1983.

DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. A vida fora das fábricas: cotidiano operário em São Paulo. 1920-1934. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

DUNNING, E. Civilização, Formação do Estado e primeiro desenvolvimento do esporte moderno. In: **GARRIGOU**, A. e **LACROIX**, B. Norbert Elias: a política e a história. São Paulo: Perspectiva, 2001.

ELIAS, Norbert. & **DUNNING**, E. A Busca da Excitação. Lisboa: DIFEL, 1992.

FAVERO, Paulo Miranda. Os donos do campo e os donos da bola: alguns aspectos da globalização do futebol. 2010. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

FERNANDES, Luis. As armadilhas da Globalização. In: **CARRION**, Raul KM; **VIZENTINI**, Paulo Gilberto Fagundes. Globalização, Neoliberalismo, privatizações: quem decide este jogo?. Editora da Universidade, Universidade Federal do Rio

Grande do Sul, 1997.

FIENGO, Sergio Villena. Gol-balización, identidades nacionales y fútbol. In: **ALABARCES**, Pablo (org.). *Futbologias: Fútbol, Identidad y violencia em América Latina*. Buenos Aires: Clacso, 2003.

FIORI, José Luís. *A governabilidade democrática na nova ordem econômica*. Universidade de São Paulo, Instituto de Estudos Avançados, 1995.

FOER, Franklin. *Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

FRANCO Jr., Hilário. *A dança dos Deuses. Futebol, sociedade, cultura*. São Paulo, Cia. Das Letras, 2007

FRANZINI, Fabio. *A futura paixão nacional: chega o futebol*. **DEL PRIORE**, Mary; **MELO**, Victor A. de (Orgs.). *História do esporte no Brasil*. São Paulo: Ed. Unesp, 2009.

FREYRE, Gilberto. *Sociologia*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1957.

GALEANO, Eduardo. *Futebol ao Sol e à Sombra*. Porto Alegre: L&PM Editores, 2002.

GELLNER, Ernest. *Nations and Nationalism*. Oxford: Blackwell, 1983.

GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol*. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GIDDENS, Anthony. *Sociologia*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

GILPIN, Robert, *A nova ordem política e econômica mundial* in **VELLOSO** João Paulo dos Reis e **MARTINS** Luciano, *A Nova Ordem Mundial em Questão*, José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1993.

GUEDES, Simoni Lahud. *Futebol e identidade nacional: reflexões sobre o Brasil*. In: **DEL PRIORE**, Mary; **MELO**, Victor Andrade de (orgs.). *História do Esporte no Brasil: do Império aos dias atuais*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: D, P & A Editora, 2003.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. Tradução: Adail Ubirajara e Maria Stela Gonçalves. 5ª. Ed. – S. Paulo: Edições Loyola, 1992.

HELAL, Ronaldo. *A crise do futebol brasileiro e a pós-modernidade: perspectivas para o século 21*. Trabalho apresentado no GT Comunicação e Sociabilidade no X Compós em Brasília, 2001.

HERMAN E *The Threat of Globalization* (1999). Disponível em <<http://www.globalpolicy.org/globaliz/>>, Acesso: em 25, mar. 2014.

HOBBSAWM, Eric, (a) A Questão do Nacionalismo: Nações e Nacionalismo desde 1780, Lisboa, Terramar, 2.^a ed, 2004.

_____. (b) Globalização, democracia e terrorismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

IANNI, Octávio. (a) Metáforas da globalização. Caderno Ideias, Campinas, n.1 (1): 7-21, jan./jun., 1994.

_____. (b) A sociedade global. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.

_____. (c) A Era do Globalismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

KOCH, Rodrigo. Apontamentos das Lutas de Poder na Trajetória Política do Futebol Brasileiro. Diálogo, n. 23, p. p. 49-60, 2013.

KUPER, Simon. "Soccer Against the Enemy". Londres, Orion, 2006.

LLOPIS-GOIG, Ramon. "Racism and Xenophobia in Spanish Football: Facts, Reactions and Policies". Valencia, Physical Culture and Sport Studies and Research, v. XLVII, 2009.

MACHADO, Maria das dores Campos. Identidade, Globalização e Secularização. In: **VIEIRA**, Liszt. (org.) Identidade e Globalização: Impasses e perspectivas da Identidade e a Diversidade Cultural. RJ: Record, 2009.

MALDONADO FILHO, Eduardo. Globalização e Neoliberalismo: O surgimento do novo ou a volta ao passado?. In: **CARRION**, Raul KM; **VIZENTINI**, Paulo Gilberto Fagundes. Globalização, Neoliberalismo, privatizações: quem decide este jogo?. RS: Editora da Universidade, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1997.

MANDELL, Richard. Sport: a cultural history, Columbia University Press, 1984

MÉSZÁROS (a), István. A crise estrutural do capital. 2009.

_____. (b). O Século XXI: socialismo ou barbárie?, São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

_____. (c). Entrevista: A dominação do capital e a exploração da classe trabalhadora não podem continuar para sempre. 09, fev. 2009. Xornal Dixital Avantar, Confederación Intersindical Galega. Entrevista concedida à Judith Orr e Patrick Ward (Agência Carta Maior). Disponível em: <http://www.galizacig.gal/avantar/opinion/9-2-2009/entrevista-a-istvan-meszáros-a-dominacao-do-capital-e-a-exploracao-da-classe-trabal>>, acesso em 16, out.2014.

_____. (d). Marxismo, sistema do capital e socialismo hoje: Entrevista com István Mészáros. Lutas Sociais-Desde 1996-ISSN 1415-854X, n. 6, p. 21-41, 1999. Entrevista concedida originalmente à revista Naghd, Irã. Traduzida por Murilo Vieira Komniski. Disponível em: <http://www.pucsp.br/neils/downloads/v6_artigo_entrevista.pdf>, acesso em: 16, out.

2014.

MOSKO, José Carlos. Futebol moderno e a busca pelo capital: o exemplo do Clube Atlético Paranaense. In: **RIBEIRO**, Luis (org). Futebol e Globalização. Jundiaí, SP: Fontoura, 2007.

ORICCHIO, Luiz Zanin. Fome de bola: cinema e futebol no Brasil. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.

PAOLI, Próspero. Brum.; et al. Tendência atual da detecção, seleção e formação de talentos no futebol brasileiro. Revista Brasil Futebol, v. 1, n. 2, p. 38-52, 2008.

PRONI, Marcelo Weishaupt. Esporte-espetáculo e futebol-empresa. Campinas, SP: FEFUNICAMP, 1998.

_____. (b) A metamorfose do futebol, Campinas, UNICAMP, 2000.

_____; (c) **ZAIA**, Felipe Henrique. Gestão empresarial do futebol num mundo globalizado. In: **RIBEIRO**, Luis (org). Futebol e Globalização. Jundiaí, SP: Fontoura, 2007.

_____; (d) Brohm e a organização capitalista do esporte. In: **PRONI**, M. W.; **LUCENA**, R. Esporte: história e sociedade. Campinas: Autores Associados, 2002.

RIBEIRO, Luiz Carlos. Política, futebol e as invenções do Brasil. Revista de História Regional, v. 17, n. 2, 2013.

_____. (b) Prefácio. In: **RIBEIRO**, Luis (org). Futebol e Globalização. Jundiaí, SP: Fontoura, 2007.

RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. A formação do jogador de futebol no Sport Club Internacional:(1997-2002). 2003.

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro / São Paulo: Editora Record, 2000

SANTOS, Tarciane Cajueiro. Globalização, mundialização e esporte: o futebol como megaevento. **ALBARCES**, Pablo (comp.). Peligro de gol: estudios sobre deporte y sociedad en América Latina. Buenos Aires: CLACSO, p. 57-73, 2000.

SCHERER, Mathias Inacio. A modernização do estádio Beira-Rio no contexto das políticas neoliberais nos anos de 1992-2010. 2011.

STEINFELD, Rafael. Sociedade Holding, 2013. Disponível em: <http://www.jurisway.org.br/v2/dhall.asp?id_dh=12136>, acesso em: 16, out. 2014.

SOSA, Ignacio. Globalización y desintegración social em México. In: **CARRION**, Raul KM; **VIZENTINI**, Paulo Gilberto Fagundes. Globalização, Neoliberalismo, privatizações: quem decide este jogo?. Editora da Universidade, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1997.

SPAAIJ, Ramón; **VIÑAS**, Carles. "Passions, Politics and Violence: A Socio-historical Analysis of Spanish Ultras". Soccer and Society, v. 6, n. 1, pp. 79-96, agosto 2006.

TAVARES, Rafael Mendes Souza.; **MORENO** Roberto. Alterações de Ratings de Países Emergentes e Efeitos no IBX. XXXI Encontro da Anpad, Rio de Janeiro 2007, disponível em: <http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnANPAD/enanpad_2007/FIN/2007_FI_NC2543.pdf>, acesso em: 27 dez. 2013.

TEMPASS, Martín César. Os malditos da Coréia: um estudo antropológico sobre os torcedores da arquibancada popular do estádio Beira Rio-Porto Alegre-RS. 2003.

TIESLER, Nina Clara; **COELHO**, João Nuno. O futebol globalizado: uma perspectiva lusocêntrica. Análise Social, n. 179, p. 313-343, 2006.

VIZENTINI, Paulo Gilberto Fagundes. A "Globalização" e os impasses do neoliberalismo. In: **CARRION**, Raul KM; **VIZENTINI**, Paulo Gilberto Fagundes. Globalização, Neoliberalismo, privatizações: quem decide este jogo?. Editora da Universidade, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1997.

WISNIK, José Miguel. Veneno remédio: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ZUBIETA, Carlos Goñi. Futbolsofía. Filosofar a través del fútbol, Madrid, Ediciones del Laberinto, 2002.

Sítios consultados:

A Evolução das Regras do Jogo. Disponível em: <<http://pt.fifa.com/world-match-centre/news/newsid/156/972/6/index.html>>, acesso em 03, set. 2014.